



Vale do Sinos. Da produção calçadista ao high-tech

Maria Alice Lahorgue

Parques tecnológicos e científicos do RS

Susana Kakuta

Vale do Sinos: inovação em tecnologia
e sustentabilidade

Rafael Altenhofen

Um diagnóstico ambiental do Vale do Sinos

E mais:

>> **Ernildo Stein:**
O biologismo radical
de Nietzsche

>> **Clitia Martins:**
Economia, sustentabilidade
e novos indicadores
de desenvolvimento

Vale do Sinos.

Da produção calçadista ao high tech

Reconhecido como o maior polo calçadista do país, o Vale do Sinos está diversificando sua matriz produtiva nesta primeira década do século XXI.

A criação do Parque Tecnológico de São Leopoldo - Tecnosinos e do Parque Tecnológico do Vale do Sinos - Valetec é fundamental para a mudança de rota da região.

A IHU On-Line desta semana busca compreender melhor as mudanças profundas que estão ocorrendo, seus desafios e suas perspectivas.

Contribuem, nesta análise, a economista e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, **Maria Alice Lahorgue**; a diretora da Unidade de Inovação e Tecnologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unitec e gestora executiva do Parque Tecnológico de São Leopoldo - Tecnosinos, **Susana Kakuta**; o diretor executivo do Parque Tecnológico do Vale do Sinos - Valetec, **Maurício Andrade**; o economista e professor da Unisinos, **Achyles Barcelos**; a diretora da empresa GVDASA, **Vera Bouffleur**, o presidente da Altus Sistemas de Informática, **Luis Gerbase**, e o biólogo **Rafael Altenhofen**, que descreve o panorama ambiental do Vale do Sinos.

Completam esta edição mais três entrevistas. Uma, com o filósofo paraguaio **Gabriel Insaurre**, sobre o princípio responsabilidade de Hans Jonas. Outra com **Ernilo Stein**, filósofo gaúcho, professor da PUCRS, que estará aqui na Unisinos, nesta terça-feira, a convite do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, proferindo a conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*. O evento se inscreve no **Ciclo de Estudos Filosofias da diferença**, pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**, que se realiza de 13 a 16 de setembro de 2010. Na entrevista, Ernilo Stein aborda alguns dos temas a serem discutidos nesta terça-feira.

Por último, **Clitia Martins**, professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e pesquisadora da Fundação de Economia e Estatística do Governo do Estado do Rio Grande do Sul - FEE, discute a questão dos novos indicadores de desenvolvimento relacionados com uma economia ambientalmente sustentável. A professora e pesquisadora estará na Unisinos, na próxima quinta-feira, a convite do IHU, quando abordará e debaterá o tema supracitado.

A todos e todas uma ótima semana e uma excelente leitura!

Nota: O autor da foto da capa da última edição, de número 327, publicada em 03-05-2010, é Bruno Alencastro.

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Vanessa Alves (vanessaam@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do site: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br) e Juliana Spitaliere. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no site www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | **Maria Alice Lahorgue:** Parques tecnológicos e científicos. Um destaque no Rio Grande do Sul

PÁGINA 10 | **Susana Kakuta:** Vale do Sinos inova em tecnologia e sustentabilidade

PÁGINA 13 | **Maurício Andrade:** A tecnologia como alavanca para o Vale do Sinos

PÁGINA 15 | **Achyles Barcelos:** Vale do Sinos é o principal polo exportador de calçados do país

PÁGINA 18 | **Rafael Altenhofen:** Um diagnóstico ambiental do Vale do Sinos

PÁGINA 21 | **Luiz Gerbase:** Tecnosinos representa uma oportunidade de crescimento

PÁGINA 23 | **Vera Boufleur:** Tecnosinos: o desafio de ser referência nacional em TIC

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 25 | **Gabriel Insaurralde:** Hans Jonas e a atualização do imperativo categórico

» Coluna do Cepos

PÁGINA 28 | **Carine Prevedello:** Televisão universitária e a disputa política pela TV digital

» Destaques On-Line

PÁGINA 30 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 34 | **Ernildo Stein:** O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado

PÁGINA 38 | **Clitia Martins:** Economia, sustentabilidade e novos indicadores de desenvolvimento

» Sala de Leitura

» IHU Repórter

PÁGINA 41 | **Luiz Rohden**



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Transformações e perspectivas no Vale do Sinos.

Da produção calçadista ao *high-tech*

POR PATRICIA FACHIN

Conhecido tradicionalmente pela produção coureiro-calçadista, o Vale do Sinos passa por um processo de ampliação e diversificação da sua matriz econômica. Os anos 2000 marcaram diversas crises no setor calçadista, mas também caracterizaram uma nova dinâmica produtiva na região. Na última década, surgiram novos empreendimentos como os parques tecnológicos e científicos Tecnosinos, de São Leopoldo, e Valetec, de Novo Hamburgo, ligados, respectivamente, à Universidade do Vale do Rio dos Sinos e à Universidade Feevale.

Localizado na região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, o Vale do Rio dos Sinos recebeu este nome devido ao próprio rio dos Sinos que, em seu percurso, forma um extenso vale cercado por 14 municípios: Araricá, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Portão, São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul. A população do Vale é formada, em sua maioria, por descendentes de imigrantes alemães e, contava, em 2008, com 1.287.805 habitantes, segundo dados da Fundação de Economia e Estatística - FEE.

Durante décadas, a economia da região foi impulsionada pela indústria calçadista. Depois de passar por três crises em menos de dez anos e fechar diversas fábricas em 2008, o setor começa a dar sinais de melhora. Segundo Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

- CAGED, o cargo de “trabalhador polivalente de confecção de calçados” foi o mais ocupado em sete dos quatorze municípios da região, no primeiro trimestre de 2010. Nos municípios de Esteio, Novo Hamburgo e Portão também é possível perceber um aquecimento da indústria. Já em Canoas e Sapucaia do Sul, é visível um aumento na empregabilidade¹ por meio da construção civil, enquanto, em São Leopoldo e Nova Santa Rita, crescem as admissões na área de serviços. Esse foi o período em que o Vale teve o melhor desempenho de empregabilidade, atingindo a marca de 3,8% dos novos empregos com carteira assinada.

Embora o ritmo de crescimento da indústria calçadista não seja o mesmo daquele “dos anos dourados (...)” o setor ainda desempenha um papel relevante na reprodução da vida material de um grande contingente gaúcho”, menciona o economista Achyles Barcelos.

Numa nova perspectiva de cresci-

¹ A empregabilidade se baseia numa recente nomenclatura dada à capacidade de adequação do profissional às novas necessidades e dinâmica dos novos mercados de trabalho. Com o advento das novas tecnologias, globalização da produção, abertura das economias, internacionalização do capital e as constantes mudanças que vêm afetando o ambiente das organizações, surge a necessidade de adaptação a tais fatores por parte dos empresários e profissionais. O termo empregabilidade foi criado por José Augusto Minarelli, no fim dos anos 1990. Remete à capacidade de um profissional estar empregado, mas muito mais do que isso, à capacidade do profissional de ter a sua carreira protegida dos riscos inerentes ao mercado de trabalho. (Nota da IHU On-Line)

mento, com o desafio de diversificar a base produtiva da região, emerge no Vale do Sinos, por meio de uma parceria entre universidades, setor público e o setor empresarial, parques científicos e tecnológicos, que integram empresas de base tecnológica.

A perspectiva é transformar o Vale num centro tecnológico com potencial nacional. A iniciativa representa “um passo importante para a região entrar em setores produtivos dinâmicos em termos de crescimento”, considera o economista.

A seguir, confira algumas entrevistas que retratam a atual conjuntura do Vale do Sinos.

BAÚ DA IHU ON-LINE

>> Acesse outras edições sobre o Vale do Sinos.

- *Rio do Sinos. Um ano depois da tragédia.* Ainda é possível salvá-lo? Edição 242, de 5-11-2007. Acesse em <http://migre.me/A07M>;
- *Vale do Sinos em crise. Diagnósticos e perspectivas.* Edição 225, de 25-6-2007. Disponível no link <http://migre.me/A06s>.

>> Confira também algumas matérias produzidas pelo Observatório dos Indicadores da Realidade e Políticas Públicas do Vale do Rio dos Sinos, publicadas no sítio do IHU.

- *Emprego formal cresceu 2,19% no Vale do Rio dos Sinos, em 2009.* Publicada em 17-4-2010, e disponível no link <http://migre.me/C3Hh>;
- *Emprego no Vale do Sinos tem o melhor desempenho dos últimos 14 anos.* Publicada em 24-4-2010. Acesse em <http://migre.me/C3IP>;
- *O perfil dos trabalhadores do Vale do Sinos.* Publicada em 4-5-2010 e disponível em <http://migre.me/C5IH>;
- *As mulheres e o trabalho no Vale dos Sinos.* Publicada em 08-05-2010 e disponível em <http://migre.me/Dtto>.

Parques tecnológicos e científicos.

Um destaque no Rio Grande do Sul

Na avaliação da economista Maria Alice Lahorgue, conhecimento e empresas de base tecnológica são pontos-chave para a solidificação de qualquer plano de desenvolvimento imaginável

POR PATRICIA FACHIN

O projeto de criar incubadoras nas universidades gaúchas deu origem aos parques tecnológicos e científicos instalados na região metropolitana do Rio Grande do Sul. Para entender a expansão desse projeto em todo o estado e, especialmente no Vale do Rio dos Sinos, a IHU On-Line conversou com a professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Maria Alice Lahorgue. Na entrevista que segue, concedida, por telefone, ela diz que esses parques estão instalados em cidades universitárias e explica que “existe um movimento no mundo inteiro de relocação de estruturas de pesquisa e desenvolvimento. Essas estruturas acabam buscando lugares que tenham características como um certo ar cosmopolita e universidades de qualidade”.

Na opinião da pesquisadora, uma das oportunidades para o Brasil “é a atração de centros de pesquisa e desenvolvimento estrangeiro”, pois, além de buscarem mão-de-obra qualificada, eles podem agregar valor nos produtos nacionais, embora a tradição agrícola no país ainda seja representativa.

Para Maria Alice, “o Rio Grande do Sul está bem aquinhoado. A região metropolitana é um local muito privilegiado porque tem grandes universidades, um parque industrial e de serviços de alta tecnologia bastante importante”. Sobre as polêmicas em torno de empresas estrangeiras instaladas em território nacional, ela afirma que não é possível negar a importância do investimento direto estrangeiro, mas é preciso considerar também que “a base do desenvolvimento contemporâneo são esses elementos encontrados no próprio território local”. E reitera: “Às vezes, isso passa despercebido por alguns gestores, mas, sem essa base local, não irá acontecer nada. Sem essa base local, não temos capacidade de absorver o que essas empresas têm capacidade de trazer.”

Maria Alice Lahorgue possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrado em Analyse et Aménagement de l'espace - Université de Paris I e doutorado em Sciences Économiques - Université de Paris I. Atualmente, é professora de economia regional nos programas de Pós-Graduação em Economia e em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Também é secretária regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência RS e diretora-geral do Instituto Christiano Becker. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que aspectos estão favorecendo o surgimento de parques e polos tecnológicos no Rio Grande do Sul?

Maria Alice Lahorgue - Existem vários fatos que estão impulsionando a instalação de parques tecnológicos no estado. Essa história começa especificamente na região metropolitana, ainda nos anos 90. Em 1994, uma série de lideranças da região, entre elas o

reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (Helgio Henrique Casses Trindade), o reitor da Pontifícia Universidade Católica - PUCRS (Norberto Francisco Rauch), o reitor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos (Aloysio Bohnen), e o então prefeito de Porto Alegre (Tarso Genro), naquela época iniciaram um movimento no sentido de fortalecer a economia metropolitana com agre-

gação de valor, aproveitando as oportunidades abertas pela economia do conhecimento. Essa iniciativa fez com que esse grupo criasse um projeto que se chamou Porto Alegre Tecnópolis, o qual abrangeu toda a região metropolitana. A partir desse movimento, foram estabelecidas algumas ações prioritárias que seguiram dois sentidos. O primeiro estava relacionado à criação de empresas de base tecnológica,

aproveitando a capacidade instalada em termos de ciência e tecnologia na região; o outro vetor desse projeto visava a buscar que setores mais tradicionais também introduzissem inovações e fossem capacitados para a gestão da inovação. Assim, no primeiro momento, antes de se pensar na construção de parques tecnológicos, começaram a ser criadas as incubadoras de empresas. Esse movimento foi se espalhando pela região metropolitana por estar dentro da estratégia do Porto Alegre Tecnópole, mas também por uma política do governo federal, que começou a beneficiar esse tipo de empreendimento.

Essas incubadoras passaram a participar ativamente da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores - Anprotec e de missões promovidas pela instituição e pelo Porto Alegre Tecnópole, que consistiam em visitar experiências externas sobre incubadoras e parques, especialmente. Nessa trajetória, a pioneira em termos de parques tecnológicos foi a PUCRS. Irmão Norberto Francisco Rauch havia participado desde o início do Porto Alegre Tecnópole e visitou diversos parques em todo o mundo. O segundo impulso veio por meio do empresariado, que constituiu o polo de informática de São Leopoldo, instalado na Unisinos. Esse impulso, de um lado acadêmico, e, de outro lado, empresarial, fez com que outras instituições e universidades se dessem conta da oportunidade potencializada por esses projetos. Então, a partir dos anos 2000, começa a surgir uma série de movimentos para que, além das incubadoras, se tivesse também, nas universidades, parques tecnológicos.

Um dos impulsos para a formação de parques tecnológicos no Brasil está relacionado com o próprio processo de incubação anterior. As empresas incubadas não só têm um ambiente protegido, como convivem num espaço de pesquisa, estão próximas de uma universidade, têm o apoio da estrutura de ciência e tecnologia dessa instituição. Elas convivem num meio muito rico em termos de novas ideias, que podem se transformar em novos produtos ou serviços para o mercado. Quando elas desincubam, ou seja, graduam-se, aca-

“Sabemos que, na maioria das empresas tradicionais, aquelas que detêm maior número de empregos e maior participação nas exportações, essa inovação ainda é obtida via equipamento”

bam, de certa forma, cortando esse laço com a universidade, o qual é muito importante para que uma pequena ou média empresa continue inovando. Esse distanciamento que acaba acontecendo depois do processo de incubação foi percebido, por exemplo, pela Associação das Empresas Brasileiras de Tecnologia da Informação, Software e Internet - ASSESPRO¹, que, analisando a evolução das empresas associadas, deu-se conta de que elas precisavam voltar ao ambiente acadêmico, de pesquisa, para continuar inovando. Então, um dos grandes impulsos que o processo de formação de parques tecnológicos teve foi essa necessidade de ter as empresas graduadas muito perto da academia. O outro ponto-chave é o fato de que existe um movimento no mundo inteiro de realocação de estruturas de pesquisa e desenvolvimento. Essas estruturas acabam buscando lugares que tenham características como um certo ar cosmopolita, universidades de qualidade. Por isso, não é de estranhar que essas estruturas estrangeiras estejam se instalando nas regiões metropolitanas.

IHU On-Line - Em que outras regiões do estado estão surgindo parques científicos e tecnológicos? Eles estão instalados apenas em cidades universitárias?

Maria Alice Lahorgue - Um parque tecnológico, por definição, necessita de uma estrutura de ciência e tecnolo-

¹ Veja mais informações em <http://www.assespro.org.br/> (Nota da IHU On-Line)

gia próxima porque se imagina que um parque desses vá abrigar empresas de base tecnológica cujo principal produto é a inovação. Ninguém faz inovação longe de um centro de pesquisa e desenvolvimento e sem ter uma “bacia”, como chamamos, de pessoal altamente qualificado. Esses dois elementos são encontrados onde existe uma universidade grande. Por isso, quando analisamos a geografia desses parques, vamos encontrá-los onde tem uma infraestrutura montada. As empresas de base tecnológica precisam estar perto de onde os problemas que elas irão encontrar no seu desenvolvimento possam ser resolvidos. No estado, os polos se encontram também em Caxias, e Pelotas, que lançou, no mês passado, o seu parque tecnológico.

IHU On-Line - Quais os potenciais dos parques tecnológicos e científicos? Como podem contribuir para a economia estadual e regional?

Maria Alice Lahorgue - O governo do Rio Grande do Sul começa a reconhecer a importância da inovação dos parques tecnológicos para o desenvolvimento do estado. O fato de existir um edital com R\$ 10 milhões para apoiar os parques tecnológicos do estado mostra isso. Na realidade, penso que o parque é um instrumento de desenvolvimento e consolidação de empresas de base tecnológica, e elas são importantes. Essas instituições têm potencial não só para desenvolver produtos de maior valor agregado, mas também têm condições para redinamizar setores mais tradicionais. Hoje, elas ainda são pequenas no sentido de empregabilidade, mas, por meio desse setor pequeno, é que podem surgir grandes oportunidades dos setores tradicionais.

O Rio Grande do Sul é, tradicionalmente, um transformador de produtos primários. Temos uma agricultura forte e uma cadeia agroindustrial que representa muito de toda a indústria gaúcha e, inclusive, de boa parte dos nossos serviços. Essas empresas de base tecnológica, ao aportar produtos novos de alto valor agregado no mercado, têm a capacidade de redinamizar os setores mais tradicionais com novos processos, onde a eletrônica é fundamental, como as pesquisas em

biotecnologia, por exemplo, e assim por diante. Conhecimento e empresas de base tecnológica são chave de qualquer plano de desenvolvimento que podemos imaginar.

IHU On-Line - Os parques tecnológicos são compostos por empresas genuinamente gaúchas, mas também por empresas internacionais. As tecnologias desenvolvidas pelas empresas estrangeiras são utilizadas também no Brasil, ou elas apenas utilizam a mão-de-obra nacional, recebem incentivos, mas investem no exterior?

Maria Alice Lahorgue - A questão dos impactos sobre o desenvolvimento tecnológico dos países e o impacto do investimento direto estrangeiro sobre o desenvolvimento tecnológico dos países é uma discussão enorme no mundo todo. Existem aqueles que são indiferentes, os que consideram isso um horror, e até uma maravilha; todos estão munidos de diversos números possíveis e imagináveis. Então, é uma discussão que ainda está sendo feita.

O fato é que uma das oportunidades para o Brasil, e eu chamaria a atenção para a região metropolitana de Porto Alegre, é a atração de centros de pesquisa e desenvolvimento estrangeiros. Esses centros estão se localizando em alguns pontos do mundo e buscam mão-de-obra qualificada, uma localização cuja logística seja conveniente porque normalmente eles precisam ter comunicação fácil com outros centros.

Evidentemente, qualquer multinacional deixada ao seu livre arbítrio vai buscar manter qualquer desenvolvimento dentro dos seus limites. As empresas também precisam ter algum tipo de reciprocidade, que, ainda hoje, está muito relacionada com a política interna de cada parque. Então, alguns parques exigem mais dessas empresas e outros menos. Não temos uma política mais segura dos investimentos que ficam no Brasil e dos que vão para o exterior. Esses polos e parques representam uma grande oportunidade para as empresas que têm menor capacidade de manter grandes centros de pesquisa. Esse é um mundo que está em

“O que houve no estado foi a conscientização de uma outra vertente de desenvolvimento possível”

movimento, as questões não estão ainda perfeitamente cristalizadas.

O que se sabe é que pensar única e exclusivamente na atração de investimento externo para desenvolver qualquer território não é suficiente. Precisamos trabalhar com aquilo que endogenamente se tem. Nesse sentido, o Rio Grande do Sul está muito bem aquinhoado. A região metropolitana é um local muito privilegiado porque tem grandes universidades, um parque industrial e de serviços de alta tecnologia bastante importante. O que existe no estado de alta tecnologia está localizado na região. Então, essas questões polêmicas precisam ser trabalhadas sem negar a importância do investimento direto estrangeiro, mas sabendo que a base do desenvolvimento contemporâneo são esses elementos encontrados no próprio território local. Às vezes, isso passa despercebido por alguns gestores, mas, sem essa base local, não irá acontecer nada. Sem essa base local, não temos capacidade de absorver o que essas empresas têm capacidade de trazer.

IHU On-Line - Pensando em uma perspectiva nacional, qual o potencial desses parques para inserir o Brasil no mercado tecnológico? O país terá condições de agregar valor em seus produtos?

Maria Alice Lahorgue - O que vale para o Rio Grande do Sul, vale para o Brasil. Os parques não são todos iguais. Conheço a situação do estado do Pará, e os parques lá têm funções diferentes das do Tecnosinos (Unisinos) e do Valetex (Feevale). Ele funciona como uma plataforma de desenvolvimento, de fomento ao empreendedorismo, à criação de capital social de acordo com

a região. Então, o entendimento que a Anprotec tem buscado disseminar entre os associados é de que os parques e as incubadoras devam funcionar muito ligados à realidade local e regional. Essa realidade, muitas vezes, pede funções que vão além da simples localização e manutenção de elos com a academia, ou seja, vão realmente no sentido de apoiar a organização daquele território para a inovação.

Em relação à agregação de valor nos produtos nacionais, vejo que o Brasil tem um longo caminho a percorrer. Temos uma base de exportação que tem um lado fortemente agrícola. O Rio Grande do Sul é um exportador primário, industrial com baixo valor agregado. Mudar esse *status quo*, para um país que tem as dimensões do Brasil, e que tem, na agricultura, uma das suas grandes forças, não é exatamente uma tarefa fácil ou factível porque essa exportação de baixo valor agregado vai permanecer por muito tempo. Um dos papéis do Brasil no mundo é fornecer alimento. Por outro lado, existe, no país, no âmbito federal e de alguns estados, uma busca de fortalecer essas pequenas empresas de base tecnológicas, que poderão ser a semente de um grande parque industrial e de serviço de alta tecnologia que possa mudar uma parte importante da nossa pauta de exportação. Entretanto, sabemos que, na maioria das empresas tradicionais, aquelas que detêm maior número de empregos e maior participação nas exportações, essa inovação ainda é obtida via equipamento. Basta analisar os dados da Pintec² para perceber que a grande via de inovação das empresas nacionais - das poucas que inovam - é ainda a compra de equipamento.

Futuro

O país está no caminho certo, sem dúvida alguma. Várias ações foram tomadas nos últimos tempos. O Prime - Primeira Empresa Inovadora, programa da Financiadora de Estudos e Projetos - Finep, por exemplo, visa a consolidar a empresa nascente dando condições para que o desenvolvimento

² Pintec: Pesquisa de Inovação Tecnológica. Mais informações em <http://www.pintec.ibge.gov.br/> (Nota da IHU On-Line)

do seu produto seja feito ao mesmo tempo em que trabalha a gestão da empresa. Temos também uma ação do CNPq que objetiva capacitar o pequeno empresário para a gestão da inovação. Existe um arcabouço voltado para a consolidação desse processo de inovação, mas, ao mesmo tempo, temos uma estrutura industrial e de serviços que tem suas tradições e que não vê ainda, talvez, nessa inovação além máquina, benefícios tangíveis. Então, essa realidade parece algo longínquo.

IHU On-Line - Então o Brasil não irá sair tão cedo da era industrial e ingressar numa nova perspectiva tecnológica?

Maria Alice Lahorgue - Temos muito caminho a percorrer, ainda mais com a indústria perdendo importância em termos de produto total. Tem muita coisa a ser feita nessa indústria tradicional, que é uma grande empregadora. Mesmo na área de serviços, é preciso avançar no sentido de sistemas informáticos, design.

Ainda vai demorar muito para o Brasil se transformar num país totalmente *high-tech*, até porque alguns locais podem se transformar nesse paraíso, mas a realidade brasileira pede ações um pouco antes do *high-tech*, embora nossas necessidades sejam muitas.

Os dados de todos esses processos de extensão tecnológica chegam à mesma conclusão: a pequena empresa primeiramente tem problemas seríssimos de gestão, às vezes, o próprio layout dela é inadequado. No Porto Alegre Tecnópole, teve um programa de extensão tecnológica chamado Tecnópole a domicílio. Com esse projeto, foi possível perceber que 80% de todos os problemas primeiros que as empresas traziam eram de gestão. Não eram problemas que ciência e tecnologia pudessem resolver. Então, temos um país complexo, onde uma parte está muito avançada, até porque o país tem avançado muito em ciência e tecnologia. Por outro lado, temos um país médio, com empresas que investem em máquinas novas e sobrevivem no mercado, e um país que ainda precisa de necessidades básicas, onde ciência e tecnologia podem auxiliar.

“Está acontecendo uma reestruturação interna, mas ela é lenta”

IHU On-Line - O Rio Grande do Sul avançou muito em ciência e tecnologia nas duas últimas décadas?

Maria Alice Lahorgue - O que houve no estado foi a conscientização de uma outra vertente de desenvolvimento possível. Nós temos universidades de excelência, e elas fazem pesquisas que estão alinhadas com o que está sendo feito internacionalmente e também alinhadas com as questões regionais. Isso é de uma enorme riqueza. Só que essa riqueza, até os anos 90, sobrevivia independente. O que foi visto na década de 90 é que a sociedade poderia se beneficiar desse manancial de conhecimento existente nas nossas universidades. Então, desse ponto de vista de conscientização de atores importantes, se avançou muito. Se analisarmos os dados de São Leopoldo nos últimos dez anos é possível encontrar segmentos de indústria e serviço que não existiam. Está acontecendo uma reestruturação interna, mas ela é lenta. O governo do Estado, de maneira geral, ainda está custando a entender a importância que ciência, tecnologia e inovação têm para o desenvolvimento do estado. Eu disse que R\$ 10 milhões de reais destinados aos parques é uma boa notícia, mas ainda falta cumprir com a totalidade do repasse constitucional para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - Fapergs, que não aconteceu nunca, mas que outros estados do país vêm fazendo com propriedade. Minas Gerais e São Paulo são dois exemplos que vêm aplicando a totalidade do repasse constitucional para a sua fundação de apoio à pesquisa. A situação da Fapergs este ano melhorou, mas está muito aquém do que seria possível. Estamos pensando num orçamento executável em torno de R\$ 25 milhões, enquanto Minas Gerais está executando R\$ 280 milhões. Ainda temos muito a fazer, falta reco-

nhecimento da importância estratégica de ciência, tecnologia e inovação para o desenvolvimento, no âmbito do governo do Estado.

IHU On-Line - Os parques de uma mesma região metropolitana seguem ou devem seguir a mesma perspectiva?

Maria Alice Lahorgue - Os parques de uma região metropolitana estão liberados dessa face de plataforma local porque o desenvolvimento em relação à inovação já acontece na região. Portanto, eles não precisam fazer isso diretamente, como é o caso de um parque tecnológico em Santarém ou Marabá, no Pará. Entretanto, eles têm um papel muito importante nas redes de organização que buscam pensar a região, o desenvolvimento de ciência, tecnologia e inovação na região, até porque eles têm o feedback de mercado e de uma organização que vê mercado, mas vê academia também. O polo é uma organização híbrida nesse sentido: ele tem um pouco de academia e um pouco de mercado, e precisa equilibrar esses dois lados para não se voltar apenas para o mercado e não conseguir concretizar o potencial de ciência e tecnologia existente em sua instituição, ou se voltar apenas para a academia e esquecer a empresa. Mesmo que eles estejam liberados de ser uma plataforma de desenvolvimento pelas características da região, eles têm um papel importante - que não pode ser abdicado - de trazer empresas de todo porte.

IHU On-Line - Esses parques interagem de alguma maneira com empresas tradicionais já situadas na região, pensando em tecnologia para elas, por exemplo?

Maria Alice Lahorgue - Isso é mais raro, mas, dependendo do tipo de produto, as empresas podem direcionar soluções de problemas de empresas tradicionais. O parque, quando funciona como plataforma de desenvolvimento, com certeza pode manter uma relação mais próxima. Se é um dinamizador do sistema Fibratex, ou se é um dinamizador da disseminação da cultura inovadora, de empreendedorismo na

região, é fundamental para dinamizar os setores tradicionais. Agora, alguns vão fazer isso especialmente naquelas situações em que a região não responde muito claramente às questões de inovação e de empreendedorismo. Em outras, como a região metropolitana de Porto Alegre, talvez não seja tão direta essa relação de apoio à dinamização de setores mais tradicionais.

IHU On-Line - Que transformações econômicas, sociais e culturais estão ocorrendo no Brasil e no estado a partir desses parques tecnológicos?

Maria Alice Lahorgue - O raio de ação de uma incubadora tende a ser pequeno, é um movimento que se restringe às instituições que abrigam essas empresas. O parque, por outro lado, é um grande empreendimento. Não existe parque com menos de 10 mil metros quadrados de área construída, e todos têm um espaço visível muito maior. Isso significa que eles têm um impacto sobre a população. Esse impacto se dá de várias formas. O próprio planejamento das cidades precisa rever questões de mobilidade urbana porque, de repente, o número de pessoas que se dirigem para um mesmo local aumenta. Além disso, esses novos indivíduos podem ter outro tipo de necessidade. Vejo que existe um impacto muito mais direto sobre a vida da cidade, e ele se dá também no imaginário da cidade. Ter um empreendimento desses, que gera empregos e se transforma em exemplo a ser seguido, mexe com o imaginário de qualquer cidadão. Então, o impacto de um parque tecnológico pode ser extremamente positivo porque ele serve de efeito demonstrativo para outras ações de inovação. Ao mesmo tempo, tem o outro lado da moeda. A questão de sustentabilidade dos parques e de manutenção para que funcionem corretamente demanda uma gestão muito cuidadosa porque ele pode se transformar num elefante branco, e isso não é um bom negócio para a cidade. Então, um parque tecnológico deixa de ser uma decisão meramente institucional. Podem ser tomadas decisões internas, mas há impactos que vão muito além da instituição gestora.

Vale do Sinos inova em tecnologia e sustentabilidade

Na avaliação de Susana Kakuta, diretora da Unidade de Inovação e Tecnologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unitec, e gestora executiva do Parque Tecnológico de São Leopoldo - Tecnosinos, o desenvolvimento sustentável do empreendimento está relacionado a três eixos: social, econômico e ambiental

POR PATRICIA FACHIN

Há pouco mais de dez anos, foi idealizado e concretizado o projeto que deu origem ao Parque Tecnológico de São Leopoldo - Tecnosinos. O empreendimento foi uma parceria entre Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, Prefeitura de São Leopoldo, Governo do Estado, Associação Comercial, Industrial e de Serviços de São Leopoldo - ACIS/SL, Associação das Empresas Brasileiras de Software e Serviços de Informática - Regional do RS - ASSESPRO/RS, Sindicato das Empresas de Informática do Estado do RS - SEPRORGS, e Sociedade Sul-Rio-Grandense de Apoio ao Desenvolvimento de Software - SOFTSUL. Para falar sobre essa iniciativa e as transformações que o parque está gerando no Vale do Sinos, a **IHU On-Line** conversou com Susana Kakuta. Segundo ela, o parque tecnológico nasce com o desafio de reconversão produtiva. “Tínhamos, na região, um problema concreto de economia, que era baseada no setor coureiro-calçadista e metal-mecânico, que viviam num processo de deslocamento para outros estados e países”. Para diversificar a matriz econômica da região, surge “um modelo parecido com o das tecnópolis francesas e a inserção de um grupo de empresas de base tecnológica”.

A atual estrutura do parque compreende 144.000 m², incluindo incubadora tecnológica e condomínios para as empresas. De acordo com Susana, no último ano, “o parque teve um crescimento marcado pela atração de grandes investimentos”. Entre os desafios propostos para o futuro, ela destaca a “importância de reforçar os elos do parque com a universidade, porque o principal atributo que une essas empresas é o conhecimento”.

Susana Kakuta é doutora em Relações Internacionais pela Universidade Complutense de Madrid, Espanha. Já foi presidente da Caixa RS, diretora de operações do Sebrae RS e coordenadora da Unidade de Competitividade Industrial da Confederação Nacional da Indústria - CNI. Confira a entrevista.

IHU On-Line- Como surgiu o Parque Tecnológico de São Leopoldo - Tecnosinos, instalado na Unisinos? Pode traçar um perfil desse projeto?

Susana Kakuta - O Parque nasceu há

dez anos, com a formação da sua primeira especialidade, que era o polo de informática de São Leopoldo. Naquele momento, ele tinha um desafio de reconversão produtiva. Tínhamos,

na região, um problema concreto de economia, que era baseada no setor coureiro-calçadista e metal-mecânico, que viviam num processo de deslocamento para outros estados e países. Então, a prefeitura municipal, a associação comercial e a universidade se uniram em busca de uma nova alternativa para a região. Essa alternativa se viabiliza, num primeiro momento, através da ida do ex-reitor, *Aloysio Bohnen*, à França, para visitar as tecnópolis. Inicia, a partir daí, o processo de implantação de um modelo parecido com o das tecnópolis francesas e a inserção de um grupo de empresas de base tecnológica. Naquele momento, criou-se a incubadora, instalaram-se algumas empresas e o parque evoluiu.

Por ocasião dos dez anos, reafirma-se o esquema de governança do parque, que é focado num sistema de trabalho em tríplex hélice¹. Nele, fica evidente que o parque se amplia em termos de especialidade. Antes eram duas: tecnologia da informação; e automação e engenharias. Agora, ele passa a ter mais três especialidades tecnológicas: comunicação e convergência digital; alimentos funcionais e nutraceutica; e tecnologias socioambientais e energia.

IHU On-Line - De onde surgiu a necessidade de abrir esse espaço?

Susana Kakuta - Da própria especialidade de Tecnologia da Informação e Comunicação - TI, foram surgindo algumas aplicações associadas ao ramo da TI, como é o caso da automação e engenharias, e da área de comunicação e convergência digital. Todas elas, de certa maneira, têm a ver com TI, mas são especialidades.

O surgimento da nutraceutica² se

¹ Aqui a entrevistada se refere à tríplex hélice formada entre a universidade, o poder público (representado pela prefeitura) e as empresas (representadas pela Associação Comercial e Industrial de São Leopoldo - ACI e pela Associação das Empresas do Parque). (Nota da IHU On-Line)

² Nutraceutica é considerada por alguns como uma nova disciplina científica. Resulta da combinação dos termos “nutrição” e “farmacêutica” e estuda os componentes fitoquímicos presentes nas frutas, legumes, vegetais e cereais, dispondo-se a investigar as ervas, folhas, raízes (plantas medicinais) e cascas de árvores para descobrir seus benefícios à saúde e possíveis curas de doenças. O termo foi cunhado por Stephen DeFelice em 1989. (Nota

“O parque e a Unisinos formam uma ambiência extremamente importante, capaz de atrair empresas de classe internacional, como as que estão instaladas no local”

explica por, no mínimo, três razões. A primeira é o fato de a universidade ter muito conhecimento e ser pioneira nesse campo, sendo uma das primeiras instituições de ensino a ter o curso de nutrição, além de muita pesquisa nessa área. Também tem os cursos de Engenharia de Alimentos e de Farmácia. Tudo isso constitui uma base para que possamos evoluir numa estratégia mais empresarial. Por outro lado, o mundo tem um limite concreto na questão da produção de alimentos. Esse limite está associado à disponibilidade de áreas agricultáveis. Ao mesmo tempo em que não se tem mais área para produzir, temos um crescimento crescente e continuado da população. Então, a questão alimentar passa a ser crucial para o mundo e irá passar por ajustes de produtividade interna, ou seja, cada área terá de produzir mais. Mas também há outra questão aqui: é preciso lembrar que o alimento tem funções nutricionais e de preservação da saúde das pessoas. Existe, no mundo, um movimento muito forte com relação a essa questão dos alimentos funcionais³ e nutraceuticos porque eles são uma saída para os limites de produção de alimentos no mundo. A terceira razão disso é o fato de o Rio Grande

da IHU On-Line)

³ Alimento funcional (em inglês: functional food) é um alimento natural ou enriquecido com aditivos alimentares como - entre outros - vitaminas, minerais dietéticos, culturas bacterianas, Ômega 3, antocianinas, carboidratos - fibras (como probiótico, prebióticos, etc.) que possam contribuir para a manutenção da saúde e redução do risco de doenças. (Nota da IHU On-Line)

do Sul ser um estado onde o setor agrícola sempre representou uma parcela importante do PIB. Agregar valor à produção agrícola primária do Estado é um desafio estratégico e uma oportunidade imensa para o Rio Grande do Sul se posicionar num outro jogo do setor de alimentos no mundo. Esses três aspectos fizeram com que se tomasse a decisão de ter, dentro do parque tecnológico, uma nova especialidade que estamos implantando.

E a especialidade em tecnologia ambiental e energia parte do princípio de que essa é uma área portadora de futuro. Esta questão representa uma nova economia global.

IHU On-Line - Quantas empresas integram o parque hoje e qual é o perfil dos funcionários?

Susana Kakuta - Existem 53 empresas no parque. Destas, 38 estão incubadas. Todos os funcionários têm um perfil tecnológico. O parque provoca um grande impacto no mercado de trabalho da região. Muitos funcionários das nossas empresas vêm de outras universidades, mas o centro é a Unisinos.

IHU On-Line - Como o parque se relaciona com a universidade?

Susana Kakuta - De diversas maneiras. A primeira delas é, sem dúvida, criando condições de geração de emprego para estudantes da Unisinos. Temos um sistema no qual as vagas que são abertas pelas empresas são anunciadas na universidade como uma forma de atrair alunos para o parque. A segunda forma é por meio da educação continuada. Temos um percentual muito grande de alunos da pós-graduação e da extensão da universidade que trabalham nas empresas. A terceira forma de relacionamento se dá por meio da pesquisa conjunta. Por exemplo, as empresas do parque, junto com a universidade, acessam editais de chamadas nacionais para desenvolvimento de tecnologias conjuntas⁴. A quarta forma é por meio de posicionamento estraté-

⁴ Os editais aos quais a entrevistada se refere são publicados por órgãos de fomento de pesquisa científica, como Capes, CNPQ e FINEP. (Nota da IHU On-Line)

“Na vertente econômica, nossa contribuição é ter empresas fortes e que tenham potencial de crescimento”

gico. O parque e a Unisinos formam uma ambiência extremamente importante, capaz de atrair empresas de classe internacional, como as que estão instaladas no local.

IHU On-Line - O parque tem uma preocupação com a sustentabilidade? Em que consiste?

Susana Kakuta - Primeiro, temos um requisito básico: como a universidade tem ISO 14000⁵, as boas práticas de gestão ambiental são exigidas em todas as áreas do parque. Existe também uma preocupação por parte das empresas com o destino do lixo tecnológico, por exemplo. Há também iniciativas mais específicas de algumas instituições, como é o caso da SAP⁶, que além de ter prédio próprio, recentemente disponibilizou bicicletas para os funcionários realizarem percursos dentro da universidade. Todas as empresas têm licenças ambientais e prezam o fato de o câmpus ser um ambiente verde.

IHU On-Line - De que maneira o parque pode inovar e auxiliar no desenvolvimento sustentável da região?

Susana Kakuta - O desenvolvimento sustentável atinge os três eixos: social, econômico e ambiental. Existe um papel social extremamente relevante na geração de emprego; temos 2.300 postos de trabalho no parque. Na vertente econômica, nossa contribuição é ter empresas fortes e que tenham potencial de crescimento. Desde as empresas que estão na incubadora até as maiores, existe

uma preocupação, em especial com as pequenas, para que cresçam com saúde e tenham uma boa gestão. No ano passado, o parque teve um faturamento aproximado de R\$ 1 bilhão. Esse valor gera tributos que impactam na região, porque se revertem em saúde, segurança, estrada, etc. Por princípio, empresas de base tecnológica são instituições de baixíssimo impacto ambiental, porque não geram resíduos, efluentes. Então, por si, são chamadas indústrias limpas. Uma área que fatura R\$ 1 bilhão, que gera 2.300 empregos, e, ao mesmo tempo, não é poluidora, faz desenvolvimento sustentável.

IHU On-Line - Que avaliação a senhora faz do parque tecnológico nestes dez anos? Quais são os desafios para o futuro?

Susana Kakuta - No último ano, tivemos um crescimento exponencial marcado pela atração de grandes investimentos. Neste ano, atraímos a HT Micron⁷, uma empresa de semicondutores que vai gerar 1.500 empregos. É a primeira empresa, no Brasil, de encapsulamento e testes de semicondutores. Isso significa muito para o nosso parque. Entre os desafios, destaco a importância de reforçar os elos do parque com a universidade, porque o principal atributo que une essas empresas é o conhecimento. Portanto, a universidade tem um papel fundamental nisso. O segundo desafio é crescer com sustentabilidade, ou seja, atrair empresas que possam se desenvolver na região. Queremos ter uma significância maior na geração de emprego e renda, então, temos uma meta de ter, até 2019, 300 empresas na incubadora.

⁷ A HT Micron Semicondutores é uma Joint Venture no Brasil entre a empresa brasileira Altus e a empresa da Coreia do Sul Hana Micron. Foi fundada em 01/12/2009. Mais informações em <http://www.htmicron.com.br/> (Nota da IHU On-Line)



Orações Ilustradas.

Acesse em www.ihu.unisinos.br

⁵ ISO 14000 é uma série de normas desenvolvidas pela International Organization for Standardization (ISO) e que estabelecem diretrizes sobre a área de gestão ambiental dentro de empresas. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Sobre o prédio da SAP na Unisinos, leia a entrevista com Erwin Rezelman, intitulada *Arquitetura ecológica: o Brasil ainda tem muito a aprender*, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 07-08-2009 e disponível em <http://migre.me/Du2E> (Nota da IHU On-Line)

A tecnologia como alavanca para o Vale do Sinos

Para o diretor executivo do Valettec, Maurício Andrade, parques e polos tecnológicos representam, economicamente, um projeto “alavancador”, pois diversificam a matriz produtiva da região e aceleram o processo de desenvolvimento de negócios

POR PATRICIA FACHIN

O Parque Tecnológico do Vale do Sinos - Valettec surgiu em 1998, e atinge oito, dos quatorze municípios do Vale do Sinos. Segundo Maurício Andrade, dois aspectos justificam o surgimento do empreendimento na região: “a necessidade de diversificação da matriz produtiva (...); e um olhar de futuro em função das novas profissões e dos novos negócios que estavam sendo desenvolvidos ao longo dos anos”. Na entrevista a seguir, concedida, por telefone, à **IHU On-Line**, Andrade explica que as 40 empresas integrantes do projeto são genuinamente regionais. “Entendemos que o empreendedorismo local é nossa fonte de negócios e que precisamos, de alguma maneira, fomentá-lo”. Na avaliação dele, os parques tecnológicos e científicos, instalados no Vale do Sinos, sinalizam uma mudança na economia local. “Segmentos de empresas que antes trabalhavam apenas para um setor, hoje já atendem segmentos diferenciados”.

Formado em Administração de Empresas com habilitação em Comércio Exterior pela Unisinos, Maurício Andrade é mestre em Design e Tecnologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como emergiu o Valettec na região do Vale do Sinos? Que aspectos favoreceram o surgimento do polo?

Maurício Andrade - O Valettec surgiu em 1998, e é um projeto de um polo, e não de um parque em um único município. Assim, ele atinge oito municípios da região do Vale do Sinos: Novo Hamburgo, Campo Bom, Estância Velha, Ivoti, Dois Irmãos, Araricá, Sapiranga e Nova Hartz. A intenção do projeto é que, em cada cidade, tenhamos uma unidade tecnológica funcionando.

Dois aspectos envolvem o surgimento do Valettec. Primeiro, a necessidade de diversificação da matriz produtiva. Sofridas as consequências das crises calçadistas ao longo dos anos, percebeu-se a necessidade de que era preciso investir em algo diferente. O segundo aspecto está relacionado “a um olhar de futuro” em função das novas profissões e dos novos negócios que estavam sendo desenvolvidos ao longo dos anos. Observando isso, identificou-se que existia uma oportunidade inte-

ressante do conhecimento tecnológico aplicado a novos negócios.

IHU On-Line - Qual é o ramo de atividades desenvolvidas no polo?

Maurício Andrade - Realizamos um estudo para ver qual é a demanda local, e, em função dela, é que tentamos fazer a alocação de uma unidade. Em alguns municípios, trabalhamos a questão industrial integrada com a questão de empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação - TI, e, em outros, trabalhamos sem a questão industrial propriamente dita, mas com núcleos de pesquisa em desenvolvimento que, talvez, um dia, venham a servir à indústria, além das empresas de TI e à chamada empresa criativa. Entendemos que o empreendedorismo local é nossa fonte de negócios e que precisamos, de alguma maneira, fomentá-lo. Respeitamos muito - e fazemos isso de alguma maneira - a atração de empresas grandes para a região, porém, entendemos que esse é um processo que merece cuidado no seu desenvolvi-

mento porque, dependendo da maneira como essa empresa se estabelecer, ela conseguirá acabar com segmentos que talvez tenham uma potencialidade dentro de um determinado município. Hoje, nosso polo tecnológico só trabalha com empresas de origem local, mas que já atuam em países da Europa, dos EUA, da América Latina. Nós servimos de suporte para eles.

IHU On-Line - Como caracteriza a mão-de-obra do polo?

Maurício Andrade - Para alguns setores, ainda carecemos de mão-de-obra, especialmente na área de TI. Não consigo enxergar, num curto prazo, uma resolução para esse problema. Nessa área, percebo que temos uma grande quantidade de empresas que estão em desenvolvimento, principalmente no município de Novo Hamburgo.

Se, hoje, o polo trouxesse uma empresa grande de TI para a região, provocaria um grande problema de mão-de-obra para as instituições locais que estão em franco desenvolvimento.

Temos conversado muito com os empresários para tentar entender suas necessidades.

Em outros setores, a demanda é atendida pela universidade nas áreas de metal-mecânica, automação, química, eletrônica. Hoje temos suprido a necessidade de demanda de mão-de-obra.

IHU On-Line - Que inovações o polo proporciona para a região?

Maurício Andrade - Uma das empresas mais inovadoras na região é a Artecôla, uma instituição que tinha sua produção destinada apenas para o setor calçadista, no desenvolvimento de adesivos, colas. Hoje, a média de 30% da produção deles é destinada para a indústria do calçado. Eles são o maior exemplo de que já existem mudanças no Vale. No polo, nenhuma empresa trabalha exclusivamente com couro e calçado. Todos os nossos associados pertencem a outros setores da indústria, ou estão vinculadas ao setor de TI, ou à indústria criativa, que são os estúdios de design, fotografos etc. Sem dúvida, o cenário mudou bastante. Claro que não podemos desconsiderar toda a importância que o setor calçadista tem para a região, e as empresas que aí estão estabelecidas aprenderam a atuar muito bem. O suporte que podemos dar ao setor é oferecendo estudantes do curso de design, de engenharia, que pensam na melhoria de processos. De qualquer modo, esse é um setor maduro no Vale e que hoje, felizmente, está mais segmentado.

IHU On-Line - Como as empresas que fazem parte do polo se relacionam com a indústria tradicional?

Maurício Andrade - Temos muitas empresas do polo que são parceiras da indústria calçadista. Muitas delas fornecem componentes para o setor, mas elas não têm como atividade fim o calçado. Hoje, ocorre a diversificação de produção. Segmentos de empresas que antes trabalhavam apenas para um setor, hoje já atendem segmentos diferenciados.

IHU On-Line - O polo tem preocupação com a sustentabilidade e as

“A relação de ter vinculação com a sustentabilidade é pré-requisito para as empresas ingressarem no polo”

questões ambientais? De que maneira isso ocorre?

Maurício Andrade - Sim, totalmente. Nós não trabalhamos com empresas que poluem, ou seja, que despejam dejetos ou poluentes diretamente no lençol freático dos municípios, e não queremos ter esse tipo de organização no polo. A relação de ter vinculação com a sustentabilidade é pré-requisito para as empresas ingressarem no polo. Essa é uma demanda de mercado; ele começa a cobrar isso das empresas. Ou a empresa é sustentável, ou ela está fora, principalmente em mercados desenvolvidos como na Europa, onde essa consciência já chegou ao consumidor, que não escolhe produtos que tenham procedência duvidosa.

IHU On-Line - O que o polo significa e sinaliza, economicamente e socialmente, para a região do Vale do Sinos?

Maurício Andrade - Entendo que economicamente é um projeto “alavancador”. Por meio do polo, conseguimos acelerar o processo de desenvolvimento de negócios. Isso ocorre por intermédio da incubadora e com o suporte que o Valetec oferece para as empresas desincubadas. Toda vez que se mexe com o desenvolvimento local, se mexe diretamente na economia dos municípios presentes. A arrecadação de mais impostos significa mais retorno para a comunidade. Fazendo com que as empresas se desenvolvam regionalmente, consegue-se que os benefícios sejam percebidos diretamente pela sociedade.

IHU On-Line - Essas empresas regionais têm potencial para alavancar o desenvolvimento tecnológico do país?

Maurício Andrade - Algumas empresas têm potencial para ditar tendências e lançar produtos que podem ser copiados pelo mundo. Uma empresa de automação está modificando todo o sistema de abertura de portas de ônibus, substituindo a infraestrutura de ar comprimido, que gera aquele barulho nas portas, pela inserção de mecanismos microeletrônicos. Esse é um mecanismo mais inteligente e menos poluente. Isso representa uma evolução em todo o sistema viário do Brasil, da América Latina e quem sabe até do mundo, caso seja implementado. É um sistema que alguns países já estão desenvolvendo, e que também vem ganhando destaque na região Sul.

IHU On-Line - Existem outros projetos que visam à sustentabilidade?

Maurício Andrade - Das 40 empresas integrantes do polo, algumas conseguem investir na sustentabilidade. A indústria química consegue isso por meio da substituição de solventes pela água, na composição de tintas para diversos segmentos de aplicação como o setor coureiro-calçadista, automotivo, imobiliário. A retirada do solvente desse processo e a colocação de solventes à base de água é uma mudança, uma tendência. Quando se modifica totalmente o produto final, as consequências para o meio ambiente também mudam.

IHU On-Line - Quais são as perspectivas do polo para o futuro?

Maurício Andrade - Temos como perspectiva uma mudança de postura da nossa atividade. O Valitec está sediado em Campo Bom e já tem projetos em Estância Velha e Novo Hamburgo, além de negociações bem avançadas em Dois Irmãos e Sapiranga. Estamos conseguindo, nos últimos seis meses, efetivar o projeto dentro de municípios que até então não participavam da iniciativa. Temos 49 hectares em Estância Velha, adquiridos pela prefeitura e sendo negociados com empresas. Também há um projeto de recuperação do bairro Hamburgo Velho, em Novo Hamburgo, que irá trabalhar com empresas de TI e da indústria criativa. O projeto foi aprovado na Câmara de

Vereadores e já tem recursos reservados para ele acontecer.

Tem um jargão que diz que os tempos são diferentes: o tempo de governo é diferente do tempo da universidade, que é diferente do tempo da empresa. Não podemos trabalhar com tempos diferentes. Temos de tentar diminuir os tempos para que eles sejam iguais. O tempo em que a empresa precisa de um apoio, tem de ser o tempo em que a prefeitura consiga disponibilizar esse apoio; o tempo que a empresa solicita um aporte em tecnologia tem de coincidir de alguma maneira com o tempo de pesquisa que se consiga desenvolver na universidade. Então, pôr essa equação para funcionar de maneira redonda é o nosso objetivo.

IHU On-Line - E quais são os desafios postos ao polo?

Maurício Andrade - Como esse é um projeto de longo prazo, sempre que se troca de governo, corre-se o risco de que as pessoas que venham a assumir os cargos não entendam o que está sendo feito. Às vezes, um prefeito não tem a mesma visão do seu antecessor, e aí perdemos muito tempo tendo de explicar todo o projeto. Então, esse é o maior desafio que temos em termos de apoio à execução das nossas atividades. Aliado a isso, precisamos de mais recursos financeiros oriundos do governo do estado, mas também de dinheiro federal. Seria interessante uma linha exclusiva para que esse tipo de experiência consiga ser mais efetivo em toda a região. Então, são dois desafios: fazer com que a governança local entenda de maneira rápida e que consigamos ter uma manutenção para nossas atividades; e em termos nacionais, um aporte de recursos para que consigamos efetivar essa experiência.

LEIA AS NOTÍCIAS

DO DIA EM

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Vale do Sinos é o principal polo exportador de calçados do país

Na avaliação do economista Achyles Barcelos, a indústria de calçados do Vale do Sinos desempenhou e ainda desempenha um importante papel não só para a região como para o estado e o país

POR PATRICIA FACHIN

“**N**um horizonte previsível de tempo, o setor calçadista do Vale do Sinos vai continuar desempenhando um papel proeminente na região pelo peso que ele tem. Contudo, a sua perspectiva de crescimento vai depender da sua capacidade em se manter competitivo frente à concorrência externa, particularmente da China e de outros países asiáticos”. A constatação é do economista e professor do curso de Economia da Unisinos, Achyles Barcelos.

Na entrevista que segue, concedida, por telefone, ele diz que a retomada do crescimento no setor no último ano se deve “às barreiras de importação aos calçados chineses, estabelecidas pelo governo brasileiro como forma de proteger a indústria brasileira de calçados”. Aliado a isso, o pesquisador menciona o aumento das exportações brasileiras de calçados, que passaram de “US\$ 384,6 milhões no primeiro trimestre de 2009, para US\$ 423,6 milhões no primeiro trimestre de 2010”. Segundo ele, isso “permite um certo crescimento, principalmente para as empresas do Vale do Sinos, que são exportadoras”.

Achyles Barcelos é graduado e mestre em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e doutor em Economia da Indústria e da Tecnologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. De seus trabalhos acadêmicos, destacamos a dissertação de mestrado, intitulada *A concentração econômica da indústria de calçados do Vale do Sinos*, e a tese de doutorado, *Modernização e competitividade da indústria de calçados brasileira*. É de sua autoria a edição 47 dos *Cadernos IHU ideias*, intitulada *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual foi e qual é, hoje, a contribuição da indústria do calçado para o desenvolvimento regional do Vale do Sinos?
Achyles Baarcelos - A indústria de calçado do Vale do Sinos desempenhou e ainda desempenha um importante papel não só para a região como também para o Estado e o País.

Uma dimensão importante dessa

contribuição do setor para o Rio Grande do Sul foi o seu papel na incorporação ao mercado de trabalho e de consumo de milhares de gaúchos. No início da exportação de calçados, por volta de 1970, muitos gaúchos provenientes do interior do Rio Grande do Sul se dirigiram para as cidades de São Leopoldo, Campo Bom, Novo Hamburgo, Sapiranga e outros municípios da

região, em busca de ocupação e melhorias de condições de vida. A maioria desses trabalhadores vivia no campo, em minifúndios com baixo rendimento e com um padrão de consumo limitado a essas condições de vida.

Para o país, a atividade calçadista do Vale propiciou a geração de divisas, dado que o Rio Grande do Sul e o Vale, em particular, se constituíram no principal polo brasileiro exportador de calçado. Embora o seu ritmo de crescimento hoje não seja o mesmo daquele dos “anos dourados”, o setor ainda desempenha um papel relevante na reprodução da vida material de um grande contingente de gaúchos. Em 2008, estavam empregados no setor calçadista do estado 106 mil trabalhadores. Esse número representou, naquele ano, 15,9% do total de ocupados com carteira assinada na indústria em transformação do Rio Grande do Sul. Mas essa importância da indústria do calçado já foi mais expressiva no estado. Em 1994, ela representava 25,1%, ou seja, 1 em 4 gaúchos trabalhando na indústria de transformação do Rio Grande do Sul estava ocupado na indústria de calçado.

Essa perda de importância deve-se, além da diversificação da base produtiva e ao crescimento de outros setores, ao deslocamento de empresas do Vale para o Nordeste brasileiro a partir da metade da década de 1990, gerando empregos naquela região. Embora o estado do Rio Grande do Sul seja o principal empregador individual na indústria de calçado do país, de acordo com os dados da MTE/RAIS¹, três estados do nordeste - Ceará, Bahia e Paraíba - já detinham 31,7% do emprego no setor, em 2008. (Ver tabela)

IHU On-Line - O setor calçadista esteve em crise em 2007 e começa a dar sinais de melhoria na região do Vale do Sinos. Qual é o panorama atual da indústria calçadista na região? De que maneira a produção calçadista para o mercado interno ou externo interfere nos resultados do setor?

Achyles Barcelos - O setor calçadista do Vale do Sinos se constitui, ainda, no principal polo exportador de calçados do

DISTRIBUIÇÃO DO EMPREGO E DOS ESTABELECIMENTOS NA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE CALÇADOS, POR ESTADOS SELECIONADOS DA FEDERAÇÃO - 2008

ESTADO	EMPREGO	%
Rio Grande do Sul	106.225	36,2
São Paulo	47.732	16,3
Ceará	49.561	16,9
Minas Gerais	24.654	8,4
Bahia	31.408	10,7
Paraíba	12.077	4,1
Santa Catarina	7.143	2,5
Demais Estados	14.440	4,9
Total	293.240	100,0

país. Entretanto, ele tem sido pressionado competitivamente por dois fatores: a taxa de câmbio e a concorrência chinesa. Cada vez que o câmbio se valoriza, as exportações de calçados do Vale se veem prejudicadas no exterior porque se tornam mais caras frente a outros concorrentes. É o caso de perda de participação do setor no mercado norte americano por causa dos calçados chineses. Ainda há penetração no mercado brasileiro de calçados provenientes da China. De 2004 a 2008, a importação total de calçados pelo Brasil saltou de US\$ 62,3 milhões para US\$ 307,6 milhões (em termos de pares de calçados, passou de 8,9 milhões, em 2004, para 39,3 milhões, em 2008). No ano de 2008, as compras oriundas da China representaram 84% de todos os pares de calçados por nós importados. Essa tendência crescente de importação foi interrompida com as barreiras à compra dos calçados chineses, estabelecidas pelo governo brasileiro como forma de proteger a indústria brasileira de calçados. Foi estabelecida, a partir de setembro de 2009, uma alíquota de US\$ 12,47 por par de calçados importados. Em março de 2010, essa alíquota foi elevada para US\$ 13,85 e com duração de cinco anos. Essa proteção à

indústria brasileira de calçado estabelecida pelo governo é um fator que permite um certo fôlego para a indústria.

IHU On-Line - É isso que caracteriza a retomada de crescimento no setor?

Achyles Barcelos - Essa medida ajuda porque evita a importação. Outro fator é o aumento das exportações brasileiras de calçados. Elas passaram de US\$ 384,6 milhões no primeiro trimestre de 2009, para US\$ 423,6 milhões no primeiro trimestre de 2010. Esse é um fator que permite um certo crescimento, principalmente para as empresas do Vale do Sinos, que são exportadoras. Outro elemento que pode estar estimulando essa performance do setor é o crescimento da economia brasileira. Quer dizer, esse desempenho da economia brasileira tem estimulado o mercado interno devido ao aumento do emprego e da massa salarial. Como o calçado é um bem de consumo, o efeito renda deve ter uma repercussão positiva nas vendas do setor. Diria que tem três elementos que impulsionam o crescimento: a redução das importações, o aumento das exportações e, no mercado interno, o aumento do consumo.

¹ RAIS: Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego - MPE (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - A partir do setor calçadista, o senhor prevê crescimento econômico para a região? Que perspectiva vislumbra para o setor?

Achyles Barcelos - Num horizonte previsível de tempo, o setor calçadista do Vale do Sinos vai continuar desempenhando um papel proeminente na região pelo peso que ele tem. Contudo, a sua perspectiva de crescimento vai depender da sua capacidade em se manter competitivo frente à concorrência externa, particularmente da China e de outros países asiáticos - aí incluiria o Vietnã, que já é o segundo fornecedor de calçado no mundo. Competir apenas tendo como fator os custos baixos de produção está sendo e será cada vez mais difícil para os calçadistas do Vale do Sinos. A sua manutenção e expansão nos mercados dependem da competência do setor em desenvolver novos atributos de competitividade para os calçados produzidos na região. Isso consiste na ideia de desenvolver um estilo próprio. O importante é conseguir vender no mercado externo com outro atributo que não apenas o preço baixo. Esse é um longo processo.

IHU On-Line - O município de São Leopoldo está se destacando em função do Tecnosinos. A partir desse novo empreendimento, é possível vislumbrar uma mudança de paradigma no setor econômico do Vale do Sinos?

Achyles Barcelos - A região, com o tempo - e isso é natural -, diversificou a sua estrutura produtiva. Atualmente, São Leopoldo e Novo Hamburgo formam uma base metal-mecânica forte na região. O parque tecnológico vem contribuir como um passo importante para a região ingressar em setores produtivos dinâmicos em termos de crescimento, que são esses setores vinculados à tecnologia da informação. Empresas como SAP, HT Micron e outras instaladas no parque representam um fator importante para a diversificação produtiva.

IHU On-Line - As empresas do setor calçadista terão de inovar no sentido de buscar mão-de-obra mais qualificada?

Achyles Barcelos - Essa questão dá margem para uma ampla discussão. O

“Os mais jovens preferem ingressar em outras atividades, e algumas empresas, individualmente, já manifestaram a necessidade de que precisariam pagar salários melhores”

setor veio, ao longo do tempo, trabalhando de forma subcontratada para empresas no exterior, que encomendavam sapatos do Vale em grande quantidade em função do preço baixo. Com isso, se tem um perfil de mão-de-obra para essa atividade. Agora, esse é o ponto: quando as empresas procuram desenvolver outros atributos de competitividade, qual é o perfil de mão-de-obra requerido para atender essas novas exigências? Não tenho resposta para essa indagação, pois ainda estou iniciando uma pesquisa sobre o assunto. Mas, muito provavelmente deve mudar.

IHU On-Line - Se surgem no Vale empresas que oferecem melhores condições salariais, as pessoas tendem a se qualificar para atuar nesses novos segmentos?

Achyles Barcelos - As pessoas não têm preferência em si pela empresa calçadista. Às vezes, isso está mais relacionado ao fato de ter ou não um emprego. Os mais jovens preferem ingressar em outras atividades, e algumas empresas, individualmente, já manifestaram a necessidade de que precisariam pagar salários melhores. Mas, para elevar o salário, é preciso entrar num segmento de calçado em que o valor agregado do sapato seja maior. É difícil pagar salários mais elevados, atuando num segmento de calçados em que o preço baixo é o seu fator de competitividade, porque aí o custo começa a pesar muito. Com o desenvolvimen-

to de outros atributos para a competitividade, é provável que os salários se elevem. Ao desenvolver um design próprio, as empresas precisam ter um departamento com estilistas, modelistas, e esse é um pessoal que recebe uma remuneração maior. A atenção à qualidade do calçado também requer habilidades maiores por parte do trabalhador, e isso tende a elevar o patamar de sua qualificação.

IHU On-Line - Em que cidades do Vale do Sinos o setor calçadista ainda é predominante e qual a potencialidade nesses municípios?

Achyles Barcelos - Segundo dados da MTE/RAIS de 2008, no município de Dois Irmãos, 45% do emprego estava na indústria de calçados; em Sapiranga, esse número aumenta para 57,4%; e em Nova Hartz, para 74,7%. Cidades vizinhas do Vale, como Igrejinha, 57,5% do emprego está no setor calçadista; Parobé tem 61,5%, Rolante, 58,9%, e Picada Café, 65,3%. Esses números são significativos e, para esses municípios, a indústria de calçado é fundamental. Então, quando o setor entra em crise nessas cidades, o impacto negativo é muito forte porque a vida econômica da região depende da atividade calçadista. Aqueles municípios que eram tradicionais na produção de calçados como Novo Hamburgo, São Leopoldo e Campo Bom diversificaram a sua matriz produtiva. Em Novo Hamburgo, o emprego do calçado representa 12,6% do total do emprego no município em 2008. Já em São Leopoldo, a atividade de calçado praticamente desapareceu. De 52 mil empregados, apenas 318 estão na indústria de calçado. Como se observa, o calçado continua sendo um setor importante no Vale do Sinos.

LEIA MAIS...

>> Achyles Barcelos já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Ela está disponível na nossa página eletrônica (www.ihu.unisinos.br). “O impacto sobre o setor calçadista continuará sendo negativo”. Publicada na edição número 224, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*, de 20-6-2007. Acesse no link <http://migre.me/CD4h>.

Um diagnóstico ambiental do Vale do Sinos

O biólogo Rafael Altenhofen apresenta um panorama ambiental do Vale do Sinos, mencionando os problemas e avanços obtidos até o momento

POR PATRICIA FACHIN

A pesar de os municípios do Vale do Sinos terem características semelhantes, eles têm “grandes diferenças em relação a como suas administrações, historicamente, percebem e tratam a questão ambiental”, afirma Rafael Altenhofen, à **IHU On-Line**. Segundo ele, os problemas ambientais do Vale são antigos, mas, “na maior parte dos casos, vêm apenas se agravando seja pela omissão, atuação tardia, seja pela falta de capacidade de gestão pública frente ao crescimento populacional e das economias da região”.

Em entrevista concedida, por e-mail, ele menciona que as políticas ambientais estão avançando e que “há muitos grupos de diferentes setores envolvidos em diferentes linhas de ação no tocante a resolução dos principais problemas do Vale do Sinos, e essa busca de soluções encontra exemplos individuais e coletivos”.

Altenhofen também comenta a instalação de empresas de base tecnológica na região e acredita que elas podem ter uma relação diferente com o meio ambiente. “Essa é uma tendência mundial e irreversível”, menciona. Para ele, uma correta gestão ambiental corrige distorções “e vai além, na medida em que modifica as relações internas e externas, junto a clientes, parceiros e comunidade de entorno ao empreendimento, onde todos ganham, sendo ainda uma vantagem competitiva em termos de imagem perante a sociedade”.

O biólogo é vinculado à entidade ambientalista União Protetora do Ambiente Natural (UPAN), de São Leopoldo, que há 35 anos alerta sobre a degradação do Rio dos Sinos. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como caracteriza a biodiversidade do Vale do Sinos?

Rafael Altenhofen - Localizado dentro do bioma Mata Atlântica - caracterizada por sua elevada biodiversidade - o Vale do Sinos apresenta características de diversidade biológica comuns a esse domínio em nossa região do estado do Rio Grande do Sul, e peculiaridades que o diferenciam devido a sua grande variação em termos de relevo, solo, drenagem e urbanização.

A bacia do rio Sinos apresenta, por exemplo, variação de altitude entre suas nascentes e sua foz de cerca de 900 metros, e, em adaptação a tais características, as espécies presentes nesse gradiente também vão variar. A bacia apresenta ainda áreas relativamente grandes de banhados (áreas úmidas) que são os ecossistemas com maior biodiversidade existentes, embora os que restam representem menos de 30% do que originalmente havia no Sinos.

A bacia do Sinos embora hospede aproximadamente 12% da população do Rio Grande do Sul em apenas 1,5% do território do estado, concentra 90% de seus moradores nas áreas urbanas. Dessa forma, se, por um lado, apresenta poucas áreas verdes em seu eixo metropolitano, ainda mantém as áreas rurais dos municípios menos populosos relativamente preservadas. A bacia Sinos apresenta o maior percentual de cobertura florestal entre todas as bacias hidrográficas do estado, 37,8%, e isso confere ao nosso vale ambientes relativamente preservados, refúgios de biodiversidade, onde é possível encontrar espécies vegetais e animais raras e até ameaçadas de extinção.

Há cerca de 10 anos, por exemplo, encontrei rastros de jaguatirica, o terceiro maior felino brasileiro, ameaçado de extinção, na base do Rio Velho, um parque municipal localizado a apenas 2,5 Km em linha reta do centro de São Leopoldo.

IHU On-Line - Como avalia a questão ambiental no Vale do Sinos? As políticas ambientais variam de acordo com os municípios da região?

Rafael Altenhofen - Sim, embora exista uma tendência a uma padronização a partir das melhores experiências - cujo sucesso tende a ser copiado com o passar do tempo e mesmo das exigências da sociedade -, ainda encontramos muita variação entre os municípios de nossa região. Variações essas ocasionadas por diferentes fatores, entre os quais predominam geralmente o tamanho do município em termos de população e em termos de área, grau de urbanização, arrecadação e características de matriz econômica.

Também prepondera, nessas políticas públicas ambientais, a cultura da classe política dominante em cada município. Então, apesar de termos municípios com características semelhantes quanto aos aspectos anteriormente relatados, temos grandes diferenças em relação a como

suas administrações, historicamente, percebem e tratam a questão ambiental. Se, por exemplo, a relevam, ou se a tratam como algo que apenas deve ser maquiado para seguir modismos, se como um problema ou se como uma solução - como no caso de municípios que vêm optando por desenvolver matrizes ecoturísticas, de agricultura sustentável, de economia solidária, ou pólos de produção mais limpa, por exemplo.

IHU On-Line - Quais são, em sua opinião, os maiores problemas ambientais do Vale do Sinos hoje?

Rafael Altenhofen - Os problemas atuais no Vale são problemas que já se apontam de longa data, mas que, na maior parte dos casos, vêm apenas se agravando, seja pela omissão, atuação tardia, seja pela falta de capacidade de gestão pública frente ao crescimento populacional e das economias da região. Temos então o desmatamento e a degradação de solos agrícolas pelo uso indiscriminado de agrotóxicos e manejo indevido de plantações na região das cabeceiras, a falta de tratamento do esgoto cloacal dos domicílios - ou índices muito baixos - em praticamente todos os municípios do vale, a gestão ineficaz dos resíduos sólidos gerados pela população e a ocupação de áreas de preservação permanente pelo crescimento urbano desordenado, como encostas de morro e áreas de banhado. Todos esses aspectos, aliados à poluição por resíduos industriais, que em determinados setores apresenta parcela bastante significativa, afetam diretamente a qualidade e a quantidade das águas do Rio dos Sinos.

IHU On-Line - Em que aspectos foi possível avançar até o momento?

Rafael Altenhofen - Podemos dizer que todas as áreas estão tendo avanços, embora, como já havia mencionado, em algumas delas, a velocidade com que os avanços ocorrem é menor do que a velocidade de crescimento da população, fazendo o problema perdurar ou até aumentar. Há muitos grupos de diferentes setores envolvidos em diferentes linhas de ação no tocante a resolução dos principais problemas do Vale do Sinos, e essa busca de soluções encontra exemplos individuais e coletivos.

“A gestão de resíduos sólidos, por sua vez, apresentou significativa melhora nos últimos anos em nossa região devido à intensificação da fiscalização ambiental, à disponibilização de recursos públicos para projetos na área”

O setor agrícola, por exemplo, vem se organizando cada vez mais em cooperativas e associações e outros coletivos no sentido de construir alternativas de uso mais sustentável dos recursos naturais com o apoio de órgãos de extensão rural e institutos de pesquisa e entidades de classe.

Os setores dos resíduos sólidos e de saneamento vêm recebendo especial atenção desde os episódios envolvendo as últimas grandes mortandades de peixes no Sinos, mobilizações a partir das quais surgiram ações coordenadas e articuladas que resultaram na criação do Consórcio Público de Saneamento da Bacia Sinos, hoje trabalhando na criação de um plano de resíduos sólidos e um de educação ambiental para a região.

Nosso comitê de bacia hidrográfica, o Comitesinos, vem, a cada dia, ocupando mais seu papel de base da gestão participativa e integrada das águas do Sinos. Papel que lhe é facultado pela legislação, mas que por tanto tempo lhe foi permitido fazer apenas em doses homeopáticas, na medida em que lhe faltavam subsídios do próprio Sistema Estadual de Recursos Hídricos para que colocasse em prática todos os instrumentos de gestão na busca dos princípios que regem a gestão de nossas águas. Estamos agora no processo de construção do Plano da Bacia Hidrográfica do Sinos, que é um dos instrumentos que falta para o sistema funcionar como rege a legislação.

IHU On-Line - Como avalia o saneamento básico na região?

Rafael Altenhofen - O saneamento ambiental envolve quatro componentes: abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, e drenagem e manejo de águas pluviais urbanas. Em termos de abastecimento de água, a região está bem estruturada, com exceções das áreas invadidas e muitas propriedades rurais, nas quais os moradores ainda se utilizam de poços ou de nascentes.

Quanto ao esgotamento sanitário, embora tenhamos alguns poucos exemplos de municípios que tratam seus efluentes em valores acima de 20%, a realidade de nossa bacia ainda é preocupante, muitíssimo aquém daquela ideal e minimamente sustentável em termos ambientais. Dados recentes apontavam que de todo o esgoto cloacal domiciliar produzido pelos aproximadamente 1,5 milhão de habitantes da Bacia Sinos, apenas 7% era captado e somente 6% tratado, sendo o restante despejado diretamente no rio ou em banhados.

A gestão de resíduos sólidos, por sua vez, apresentou significativa melhora nos últimos anos em nossa região devido à intensificação da fiscalização ambiental, à disponibilização de recursos públicos para projetos na área e, a meu ver, principalmente ao fato dos resíduos sólidos terem virado um negócio muito rentável, incentivando o surgimento de grupos organizados em cooperativas de catadores e recicladores e atraindo a atenção de grandes empresas privadas com capital internacional, que hoje administram a grande parte dos resíduos produzidos em nossa região por meio da atuação nos principais aterros sanitários que temos. Esses aspectos tendem a receber um forte subsídio com o diagnóstico e estratégias resultantes do Plano Regional Integrado em Resíduos Sólidos, atualmente em condução pelo Consórcio de Saneamento Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos - PRÓ-SINOS.

Finalmente, em termos de drenagem urbana, os municípios da parte baixa do rio vêm sofrendo um aumento a cada ano nos problemas relacionados a cheias dos rios e a alagamentos nas áreas urbanas. Esses vêm se agravando pela crescente impermeabilização dos solos com as construções urbanas,

pela remoção da vegetação ciliar dos corpos hídricos e pela ocupação indiscriminada de áreas de banhados, várzeas e áreas de encostas de morros.

IHU On-Line - Em 2007, estava sendo criado um Consórcio de Saneamento Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos, o qual pretendia construir estações de tratamento nos principais arroios da região. O senhor tem acompanhado o andamento desse projeto? Quais os avanços no tratamento do esgoto da região?

Rafael Altenhofen - A criação do PRÓ-SINOS faz parte desse processo de retomada do tempo perdido a que me referi anteriormente. Trata-se de uma louvável e mais do que necessária iniciativa no sentido de juntar forças e experiências entre os municípios da bacia. Nesse sentido, entendo que todos saem ganhando, mas principalmente os municípios menores que, muitas vezes, não contam com pessoal e estrutura suficientes, além de possuírem pouca capacidade de endividamento na busca de financiamentos para as obras de saneamento necessárias. Atualmente, o consórcio está desenvolvendo, junto aos 22 municípios que o integram, além do já mencionado Plano Regional de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, também o Programa de Educação Ambiental, com recursos do Fundo Nacional do Meio Ambiente - FNMA e contrapartidas e custeio pelos municípios consorciados. Intermédia também os recursos do FNMA para a execução do Plano da Bacia Hidrográfica do Sinos, por meio do Comitesinos, Unisinos e parceiros.

IHU On-Line - Como avalia a atuação das empresas e das prefeituras em relação ao ecossistema do Vale? Percebe preocupação ambiental por parte das entidades?

Rafael Altenhofen - A bacia do Sinos abriga 1/3 das indústrias do Rio Grande do Sul. Esse é um número muito elevado, e qualquer generalização nesse sentido pode ser leviana. Mas as entidades que as representam, como, por exemplo, a representação desse setor junto ao Comitesinos tem se mostrando uma grande parceira na busca de soluções coerentes e tecnicamente

“Se entendermos os resíduos, por exemplo, como recursos naturais que não soubemos aproveitar bem, nos damos conta que pagamos duas vezes por eles: primeiro, como matéria-prima, e, depois, para destinar a parte deles que não conseguimos fazer uso”

fundamentadas para os problemas ambientais da bacia que estejam direta ou indiretamente associados as suas atividades. O fator água em quantidade e com qualidade é preponderante para a manutenção do setor na bacia Sinos, e o fato de diferentes indicadores demonstrarem que essa está no limite viável de utilização já acendeu o sinal amarelo junto às empresas que tratam a questão com a importância que sabemos que ela tem.

Quanto às administrações municipais, com as devidas exceções, diria que a mobilização dos últimos anos vem sendo uma espécie de retomada do tempo perdido durante o qual as mesmas ficaram apenas na reatividade e muito pouco na proatividade em termos de ações ambientais concretas. Não é à toa que virou quase senso comum hoje se afirmar que as grandes soluções em termos ambientais surgem e surgirão do segundo e terceiros setores, ou seja, o setor privado e o não governamental - sociedade civil organizada.

IHU On-Line - Qual é a atual situação do Rio dos Sinos? Depois de tantas polêmicas em torno da mortandade de peixes e da poluição em razão das indústrias da região, que avan-

ços o senhor sinaliza nos últimos três anos?

Rafael Altenhofen - Primeiramente, um dado que deve ser levado em conta é que aproximadamente 85% da carga poluente do Sinos é oriunda não de indústrias, mas do esgoto cloacal das cidades. Então temos a poluição de caráter eminentemente químico - e, muitas vezes, com maior potencial de degradação - por parte das empresas, e a poluição fundamentalmente orgânica por parte dos lançamentos de esgoto cloacal, domiciliar, cuja responsabilidade é dos municípios.

Poderia se resumir a poluição do Sinos como crônica - pelo lançamento diário, sistemático e ininterrupto de esgoto cloacal e efluentes industriais - e aguda. Essa segunda, causada pelo lançamento de algum efluente industrial com elevada toxicidade ou então pela conjugação de fatores climáticos, como, por exemplo, baixo nível de água e temperatura mais elevada, que, associadas à elevada carga orgânica, sempre presente no rio, mas com menor quantidade de água presente, torna-se mais concentrada ainda, ocasionam a diminuição substancial de oxigênio presente na água e a morte de organismos aquáticos que dele necessitam, como os peixes.

Dados levantados por órgãos de proteção ambiental e posteriores análises e discussões sobre as causas da mortandade de 2006, apontam - mas até onde sei isso não foi oficializado - que a provável causa principal da mortandade possa ter sido o despejo de cianeto por parte de uma das empresas atuadas à época.

Atualmente, as emissões dessa substância bem como outras emissões fora dos padrões de algumas das empresas atuadas cessaram ou se adequaram à legislação ambiental, mas as emissões rotineiras, tanto químicas quanto da elevadíssima carga orgânica de aproximadamente 90% da população da bacia Sinos continuam a ser depositadas diariamente no rio.

IHU On-Line - Está se constituindo, no Vale, parques tecnológico e científico, com empresas que demonstram ter uma preocupação com a sustentabilidade. Essas empresas sinalizam

o surgimento de uma nova geração de instituições e até mesmo uma nova forma de relação com o meio ambiente e com a sociedade?

Rafael Altenhofen - Sem dúvida nenhuma. Essa é uma tendência mundial e irreversível. Antes mesmo de ser uma questão ambiental é uma questão econômica, de competitividade e de sobrevivência no mercado. Empresas que não apresentam “preocupação” com o meio ambiente e, consequentemente, não realizam uma correta gestão de seus materiais e processos, geram, por exemplo, mais resíduos, que desperdiçam mais matérias-primas, que gastam mais energia, que não se alinham a tendências do mercado consumidor. Em outras palavras, gastam mais e lucram menos. Uma correta gestão ambiental corrige tais distorções e vai além, na medida em que modifica as relações internas e externas, junto a clientes, parceiros e comunidade de entorno ao empreendimento, onde todos ganham, sendo ainda uma vantagem competitiva em termos de imagem perante a sociedade. Então, a gestão ambiental na empresa não necessariamente é motivada pelo desejo de se contribuir com a sustentabilidade ambiental - embora isso esteja cada vez mais presente junto aos novos empreendedores -, mas pode estar simplesmente relacionada a aspectos de competitividade e de gestão: se eu desperdiço mais - demandando mais recursos naturais, poluo mais e gasto energia à toa -, tenho menos lucratividade e perco espaço frente aos meus concorrentes. Se entendermos os resíduos, por exemplo, como recursos naturais que não soubemos aproveitar bem, nos damos conta que pagamos duas vezes por eles: primeiro, como matéria-prima, e, depois, para destinar a parte deles que não conseguimos fazer uso.

LEIA MAIS...

>> Rafael Altenhofen já concedeu outras entrevistas para a IHU On-Line.

* *Prefeituras ainda liberam loteamentos na região do Sinos.* Entrevista publicada na edição 242, de 5-11-2007, intitulada *Rio do Sinos. Um ano depois da tragédia. Ainda é possível salvá-lo?* Acesse no link <http://migre.me/CJNP>;

* *O desastre ambiental no Rio dos Sinos.* Entrevista publicada nas Notícias do Dia, em 19-10-2006. Acesse em <http://migre.me/CJ51>.

Tecnosinos representa uma oportunidade de crescimento

Na avaliação do presidente da Altus Sistemas de Informática, Luiz Gerbase, os parques tecnológicos são um importante fator de desenvolvimento para as regiões em que estão instalados

POR PATRICIA FACHIN

“O desenvolvimento do Vale do Sinos, principalmente com a presença do parque de tecnologia, tem se destacado através de uma economia moderna e de alto valor agregado”, aponta Luiz Gerbase, presidente da Altus Sistemas de Informática, empresa integrante do Tecnosinos desde 2003. Gerbase acompanha o desenvolvimento do parque desde o início e destaca que as empresas “agregam um importante valor na economia, pois adicionam ao mercado produtos que seriam de outra maneira importados”. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, para a IHU On-Line, ele sinaliza que o maior desafio do parque é “a interação sólida com a pesquisa feita nas universidades, de maneira a canalizar o esforço em temas que as empresas estejam atuando”.

Luiz Gerbase é graduado em Engenharia Elétrica e mestre em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. É sócio-fundador da Altus e responsável técnico por todos os projetos de engenharia e de produtos desenvolvidos na instituição. Além disso, é diretor regional da Associação Brasileira de Indústria Elétrica e Eletrônica - ABINEE-RS, vice-presidente da ABINEE e diretor do Centro das Indústrias do Rio Grande do Sul - CIERGS. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Pode traçar, em linhas gerais, um perfil da Altus Sistemas de Informática?

Luiz Gerbase - A Altus foi fundada em 1982 e hoje é líder no Brasil entre as empresas que desenvolvem tecnologia para automação e controle de processos industriais. Atualmente, estamos estruturados em duas unidades de negócios: produtos, onde desenvolvemos e fornecemos equipamentos como Controladores Programáveis, indispensáveis no aumento de qualidade e produtividade da indústria; e integração de sistemas, oferecendo soluções completas para os segmentos de Energia Elétrica e

Óleo & Gás.

Desde 2003, a nossa matriz está situada no Tecnosinos, em São Leopoldo. Contamos ainda com filiais em São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro, Macaé, Belo Horizonte, Salvador, Manaus, São José dos Pinhais e Balneário Camboriú, além de operações na Argentina, Alemanha e Estados Unidos. A empresa é formada por 263 colaboradores.

IHU On-Line - Quais são as perspectivas da empresa Altus no estado, em especial na região do Vale do Sinos?

Luiz Gerbase - O desenvolvimento

do Vale do Sinos, principalmente com a presença do parque de tecnologia, tem se destacado através de uma economia moderna e de alto valor agregado. A Altus, como empresa que possui em sua essência o uso do conhecimento como base para atuar em mercados de alto valor agregado, acredita que a região possui grande potencial de crescimento impulsionando as organizações locais.

IHU On-Line - Quais as potencialidades do Vale do Sinos na área de eletroeletrônica? Que fatores justificam a escolha de instalar a empresa na região?

Luiz Gerbase - A região oferece mão-de-obra altamente qualificada e localização que facilita a logística das empresas. Além disso, na Altus, por exemplo, que está situada no Tecnosinos de São Leopoldo, usufruímos de um ambiente propício para a interação de três forças fundamentais para o nosso desenvolvimento: a universidade, as empresas e o estado. Essa força estimula o surgimento de empresas de base tecnológica e o processo de inovação.

IHU On-Line - Quais são, em sua opinião, os desafios postos às empresas instaladas no parque tecnológico?

Luiz Gerbase - A maturação de todo potencial de um parque tecnológico e do seu relacionamento com suas empresas é demorado, estamos ainda todos aprendendo, mas suas vantagens já são uma realidade. Talvez o maior desafio seja a interação sólida com a pesquisa feita nas universidades, de maneira a canalizar o esforço em temas nos quais as empresas estejam atuando.

IHU On-Line - Em que sentido o parque pode inovar e auxiliar no desenvolvimento sustentável da região?

Luiz Gerbase - Os parques de tecnolo-

“A maturação de todo potencial de um parque tecnológico e do seu relacionamento com suas empresas é demorado, estamos ainda todos aprendendo, mas suas vantagens já são uma realidade”

gia têm se mostrado como um importante fator de desenvolvimento para as regiões onde estão instalados, pois ajudam a criar uma economia moderna, de alto valor agregado, almejada por qualquer país que queira se desenvolver de forma sustentável.

IHU On-Line - Como percebe e analisa a expansão de parques tecnológicos e científicos no estado? O que justifica esse investimento no Rio Grande do Sul?

Luiz Gerbase - Os parques tecnológicos favorecem o próspero relacionamento entre empresas, instituições de ensinos, estado e sociedade. Essa proximidade favorece as empresas de base tecnológica, aquelas em que o valor investido em pesquisa e desenvolvimento é alto em relação ao faturamento.

Temos a consciência hoje, no Brasil, da importância do desenvolvimento tecnológico em vários níveis do estado. No âmbito federal, a Lei da Inovação¹, com inúmeras consequências no

1 A Lei de Inovação Tecnológica é a Lei número 10.973, de 2 de dezembro de 2004, regulamentada no dia 11 de outubro de 2005 pelo Decreto número 5.563. Esta lei foi criada para estimular a criação de ambientes especializa-

ambiente institucional e de financiamento a novos empreendimentos em tecnologia, vem influenciando os estados, como o Rio Grande do Sul, a formular suas políticas, e acima de tudo, incentivar a expansão desses parques de tecnologia.

IHU On-Line - De que forma essas empresas podem atuar no desenvolvimento tecnológico brasileiro?

Luiz Gerbase - As empresas com produtos inovadores agregam um importante valor na economia, pois adicionam ao mercado produtos que seriam de outra maneira importados. Um exemplo é o setor de eletroeletrônica, onde ainda temos um déficit muito alto, cerca de 20 bilhões de dólares. Esse valor é hoje maior que toda a exportação de ferro que o Brasil realiza. Temos aí, portanto, uma grande oportunidade de crescimento.

IHU On-Line - O senhor acompanha o parque desde sua formação inicial? Que avaliação faz destes anos?

Luiz Gerbase - Acompanho o parque desde seu início. A Altus contou com uma filial na Unitec durante 3 anos antes de mudarmos a matriz para cá, em 2003. Em todos esses anos, pude vivenciar sua evolução e a importância que um ambiente como esse traz para as empresas.

Tem sido uma busca contínua por empreendimentos caracterizados pela inovação e tecnologia em produtos e processos. Para isso, o parque oferece a estrutura ideal para o desenvolvimento de uma empresa.

dos e cooperativos de inovação; estimular a participação de Instituições Científicas e Tecnológicas (ICT) no processo de inovação; estimular a inovação nas empresas; estimular o inventor independente; estimular a criação de fundos de investimentos para a inovação. É a primeira lei brasileira que trata do relacionamento universidades (e instituições de pesquisa) e empresas. (Nota da IHU On-Line)

http://twitter.com/_ihu

Tecnosinos: o desafio de ser referência nacional em TIC

Vera Boufleur, diretora da empresa GVDASA, analisa o desempenho do Tecnosinos

POR PATRICIA FACHIN

A região do Vale do Sinos “ganhou muito com a vinda de empresas nacionais e multinacionais para o Parque Tecnológico de São Leopoldo”, constata Vera Boufleur, sócia-diretora da empresa GVDASA, instalada no Tecnosinos - Parque Tecnológico São Leopoldo. A instituição surgiu, em 1987, como desenvolvedora de softwares e prestadora de serviços de informática no município de São Leopoldo e foi a primeira a se instalar no Parque Tecnológico do município, em 2001. Atualmente, a expansão nacional da empresa conta com o apoio de canais de distribuição localizados nos estados de Minas Gerais e Mato Grosso. Na entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, Vera avalia os dez anos do parque e diz que o desafio para o futuro é fazer com que ele “seja referência nacional em Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC”. Ela menciona ainda que o “Rio Grande do Sul é um estado rico em empreendedorismo, sendo referência em muitas áreas, entre elas, a informática, o que justifica o investimento em parques científicos”.

Vera Boufleur possui graduação no curso de Tecnólogo em Processamento de Dados pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e especialista em Sistemas de Informação pela mesma instituição. De 1986 a 1990, foi professora na área de Ciências na Computação da Unisinos. É sócia-diretora da GVDASA Sistemas desde 1987. Atualmente, é vice-presidente de Tecnologia da Informação da Associação Comercial, Industrial e de Serviços de São Leopoldo - ACIS/SL. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Pode traçar, em linhas gerais, um perfil da GVDASA?

Vera Boufleur - A GVDASA Sistemas iniciou suas atividades em 1987 e foi a primeira empresa a se instalar no Parque Tecnológico de São Leopoldo, em 2001. Especialistas em sistema de gestão educacional, oferecemos o que há de mais moderno para a gestão das instituições de ensino, do nível básico ao superior, através do nosso software - GVcollege ERP Educacional. Segundo o Prêmio Top Educação 2009, estamos entre as três marcas mais lembradas na categoria Sistema de Gestão Escolar.

IHU On-Line - Que fatores justificam a escolha de instalar a empresa na região?

Vera Boufleur - A GVDASA Sistemas é natural de São Leopoldo, e viu, no Parque Tecnológico, uma oportunidade de interação com outras empresas da mesma atividade e sinergia com a universidade, além de dar segurança

e credibilidade aos clientes, devido à sua localização no Parque Tecnológico de São Leopoldo.

IHU On-line - Quais são as perspectivas da empresa no estado, em especial na região do Vale do Sinos?

Vera Boufleur - Somos líder de mercado no Rio Grande do Sul e, por isso, em 2008, a empresa iniciou um projeto de expansão nacional e, atualmente, temos clientes em todo o país. Cada vez mais, o foco da empresa é conquistar outros estados.

IHU On-Line - Quais as potencialidades do Vale do Sinos na área de informática?

Vera Boufleur - De modo geral, acreditamos que, em função do grande número de empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC localizadas na região, há um aumento de oferta de cursos na área de informática e geração de mão-de-obra especializada.

IHU On-Line - Como percebe e analisa a expansão de parque científicos no estado? O que justifica esse investimento no RS?

Vera Boufleur - O Rio Grande do Sul é um estado rico em empreendedorismo, sendo referência em muitas áreas, entre elas, a informática, o que justifica o investimento em parques científicos.

IHU On-Line - A senhora acompanha o parque desde sua formação inicial? Que avaliação faz destes dez anos?

Vera Boufleur - Acompanhamos o parque desde o início, já que fomos a primeira empresa a se instalar aqui, há dez anos. A região ganhou muito com a vinda de empresas nacionais e multinacionais para o Parque Tecnológico de São Leopoldo. No que tange à sinergia com a universidade, acreditamos que deveria haver uma integração maior da instituição com as empresas do parque.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevista da Semana

Hans Jonas e a atualização do imperativo categórico

Além de cumprir a lei moral, a ação humana deve atingir os sentimentos e considerar as consequências dos nossos atos, explica o filósofo Gabriel Insaurralde sobre o conceito de princípio da responsabilidade

POR MÁRCIA JUNGES

Só podemos ser responsáveis porque somos livres, e essa responsabilidade é a qualidade da resposta, de assumirmos as consequências de nossos atos. Ao assumirmos a responsabilidade ou compromisso pelo que fazemos, nos tornamos seres mais morais e humanos. Em linhas gerais, essa é a concepção que norteia a filosofia de Hans Jonas, autor do conceito princípio da responsabilidade. De acordo com o filósofo paraguaio Gabriel Insaurralde, o contexto dessa ideia é a sociedade industrializada e tecnológica, que tem uma mentalidade de progresso contínuo e não pensa nos resultados que isso acarretará ao meio ambiente. Nasce uma irresponsabilidade com o meio ambiente e as gerações futuras, pontua. A proposição de Jonas para resolver esses problemas da sociedade tecnológica é a responsabilidade. Para chegar a essa conclusão, sobe nos ombros do gigante de Königsberg, Immanuel Kant, que com seu imperativo categórico apostava na boa vontade da humanidade. Entretanto, diz Insaurralde, Jonas vai além, e atualiza o imperativo kantiano para a nossa época ao fazer com que, além de cumprir uma lei moral, se atinjam os sentimentos e se considerem as consequências dos nossos atos. “Isso introduz a questão do futuro e da responsabilidade para a modernidade, uma contribuição importante de Jonas”. As afirmações fazem parte da entrevista concedida pessoalmente, em 30 de abril, à IHU On-Line, quando Insaurralde proferiu a conferência O princípio da responsabilidade em Hans Jonas, na graduação em Filosofia da Unisinos.

Insaurralde cursou mestrado em Filosofia na Colômbia, pela Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá - Colombia, e doutorado na mesma área na Espanha, pela Pontificia Universidad Comillas, Madrid - España, com a tese intitulada *Organismo y responsabilidad en la ética ontológica de Hans Jonas*. Ele é professor e diretor do Instituto Superior de Estudos Humanísticos e Filosóficos (ISEHF) da Universidade do Paraguai. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é o princípio da responsabilidade? Como ele dialoga com a liberdade e a autonomia do sujeito contemporâneo?

Gabriel Insaurralde - Esse é um conceito que entende a responsabilidade como uma qualidade da resposta. É a possibilidade que temos de responder pelas atitudes que tomamos. Responsável é alguém que pode assumir a resposta, o compromisso sobre as coisas que realiza. De fato, em nossa sociedade, fala-se muito em liberdade. Para Hans Jonas¹, a liberdade é o mais

importante para ser responsável. Só quem é livre pode ser responsável. Então, responsabilidade tem a ver com o poder que temos. O modelo que Jonas tem para pensar responsabilidade é a relação que o pai e a mãe têm com o filho. Esse fato biológico e também humano inspirou Jonas. Gerar um filho implica em autoria, e isso remete, imediatamente, à responsabilidade.

IHU On-Line - Qual é o contexto des-

co. A sua obra principal intitula-se *Das Prinzip Verantwortung. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*, publicada em português como *O princípio da responsabilidade* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2006). (Nota da IHU On-Line)

sa proposição dentro da filosofia de Hans Jonas?

Gabriel Insaurralde - O contexto do princípio da responsabilidade é a sociedade industrializada tecnológica. Jonas tem várias obras escritas sobre a relação entre a ciência e a tecnologia. Ele afirma que na sociedade há uma ligação muito forte entre o progresso da tecnologia e o progresso da ciência, e vice-versa. Aí surge a grande criação da humanidade, em seu ponto de vista: a cidade. Na cidade, tudo é artificial, inclusive as necessidades, que foram fabricadas. Hoje, não podemos viver sem celular, carro ou eletricidade. São necessidades que surgiram em dado momento da humanidade.

Chega o momento em que a sociedade industrializada e tecnológica cria uma irresponsabilidade em relação ao ambiente. Há uma mentalidade de que devemos progredir continuamente, e não se pensa nos danos causados à natureza. As indústrias despejam seus dejetos em córregos, ou na própria terra. Os rios estão cada vez mais contaminados com material sólido e líquido que não serve mais para as indústrias. Os agricultores plantam e encontram muitas pragas nas culturas. Para combatê-las, jogam herbicidas na terra, que fica contaminada e passa esses elementos nocivos às plantas. Quando comemos um fruto, não nos damos conta do que ele realmente contém. Sua aparência é bonita, e, na maioria das vezes, seu sabor é bom, mas está repleto de agrotóxicos em seu interior. O acúmulo dessas substâncias em nosso organismo ocasiona diversos tipos de doenças graves e, muitas vezes, nem diagnosticadas. A ideia é melhorar a produção e o consumo, mas as consequências não são medidas.

Progresso material x progresso moral

O que Jonas quer advertir à sociedade é que não estamos fazendo as coisas direito. Devemos pensar a consequência de nossas ações para as gerações futuras e, inclusive, para quem vive hoje. Dentro da sociedade tecnológica, há uma ideologia de que o progresso material significa progresso moral. Pressupõe-se que, cada vez que há mais tecnologia, viveremos melhor. O luxo, a comodidade e o ilimitado crescimento parecem que trazem consigo uma vida melhor. Essa é uma falácia. As consequências já estão aí, para todos vermos. Jonas diz que a resposta para os problemas da sociedade tecnológica é a responsabilidade.

Há duas maneiras de compreender o princípio da responsabilidade. Uma delas é quando fazemos algo errado, por exemplo, e nos perguntam quem é o responsável por esse ato. É uma culpa que devemos pagar. A outra forma de entender o princípio da responsabilidade é quando se tem pessoas ou situações sob sua responsabilidade.

IHU On-Line - Poderia comentar a

“É sempre o ‘eu’ que deve olhar para que o Outro seja a medida da minha ação. No fundo, sou sempre eu que coloco o meu paradigma para o agir”

proximidade entre o pensamento desse filósofo com o sistema kantiano, na medida em que Jonas postula um “imperativo ambiental”?

Gabriel Insaurralde - Entre esses dois autores há muita coisa em comum. Jonas escreve bastante sobre Kant², e acredita que o imperativo categórico é um imperativo lógico, apenas. Para este tipo de imperativo, é preciso procurar uma correspondência e concordância com uma lei externa à ação. Para Jonas, o mais importante é fazer uma lei que atinja os sentimentos, e que tenha a ver com as consequências do que se faz. Para Kant, se temos boa intenção, já é o bastante. Para Jonas, não. Ele argumenta que se pode ter boa intenção, como quando se joga um herbicida na terra. Por outro lado, não se sabe as consequências de sua ação. Aí está o problema. Se você não percebe as consequências de sua ação,

² Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNrH>. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

esta pode se tornar imoral. Jonas atualiza o imperativo kantiano para a sociedade tecnológica. Por outro lado, Jonas é, por vezes, kantiano demais. Isso porque ele procura uma lei universal, ainda que voltada para as consequências da ação. Isso introduz a questão do futuro e da responsabilidade para a modernidade, uma contribuição importante de Jonas.

IHU On-Line - Existem aproximações entre a filosofia de Jonas e a de Lévinas³? Em que medida podemos dizer que Jonas propõe uma filosofia da alteridade?

Gabriel Insaurralde - Penso que as duas filosofias se aproximam muito. Lévinas aponta o Outro como determinante da minha ação. O Outro deve ser a primeira instância na qual penso. Jonas tem ideia semelhante. É sempre o “eu” que deve olhar para que o Outro seja a medida da minha ação. No fundo, sou sempre eu que coloco o meu paradigma para o agir. Para Jonas, o mais importante na responsabilidade não sou eu, mas o Outro. É o Outro que é mais importante e tem mais valor. Por isso, tenho que respeitar seu valor e cuidá-lo para que possa atingir seus objetivos.

IHU On-Line - Quais são as principais dificuldades em se propor uma ética dentro da civilização tecnológica em que vivemos?

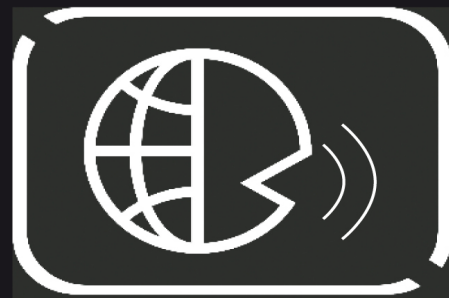
Gabriel Insaurralde - O Outro é uma categoria muito grande. O Outro pode ser muitas pessoas. É diferente de falar no Outro como uma pessoa pobre ou rica, que tem raiva ou fome. Jonas também pensa no Outro, mas numa circunstância especial. Sempre o Outro deve ser escutado. Se eu faço isso, também serei escutado. A perspectiva de Lévinas e Jonas é fundamental para pensarmos numa outra economia, justiça, num paradigma ambiental e de saúde. Isso descentra o individualismo que cresce a cada dia.

³ Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo e comentador talmúdico lituano, naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, conferir a edição número 277 da IHU On-Line, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível para download em <http://migre.me/Dsy6>. (Nota da IHU On-Line).

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE.



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR



Televisão universitária e a disputa política pela TV digital

POR CARINE PREVEDELLO*

O período de transição do sistema analógico para o digital na televisão brasileira envolve, mais do que a mudança de padrão tecnológico, uma disputa política por espaço estratégico de exibição. Até 2016, de acordo com o prazo estabelecido por decreto federal (5820/2003), todos os canais de televisão que mantêm transmissão em sinal aberto deverão estar tecnicamente estruturados para operar no Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre (SBTVD-T). A opção pelo modelo japonês (ISBD-T) já determina a migração das atuais concessões de canais em sinal aberto para a televisão digital. Entretanto, muitos canais de interesse público permanecem condicionados ao espaço destinado à TV por assinatura, o que limita a audiência e, consequentemente, a relevância da repercussão de programas que, em geral, buscam diferenciar-se em relação à programação hegemônica, mantida pelas grandes redes de telecomunicação. Um núcleo expressivo de produção audiovisual alternativa no Brasil hoje é constituído pelas TVs universitárias.

A Associação Brasileira de Televisão Universitária (ABTU), maior entidade representativa do setor no Brasil, reconhece 48 canais uni-

versitários no país. Destes, 37 são de universidades particulares, e 11 ligados a universidades federais ou regionais. Paralela à ABTU, a Associação Brasileira de Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (Abepec) congrega as emissoras estaduais retransmissoras da TVE e TV Cultura, junto a três canais universitários (UFPE, UFRN e Fundação Universidade do Tocantins). Em 2004, de acordo com pesquisa realizada para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), contabilizava-se 85 Instituições de Ensino Superior ocupando 73 canais de televisão. Entre as 27 universidades federais brasileiras situadas nas capitais, 17 possuem canal de televisão.

Desde a implantação das TVs universitárias, os desafios são muitos, especialmente nas instituições públicas, onde a disponibilidade de recursos enfrenta a burocracia e a concorrência com outras áreas consideradas prioritárias. Mas a transição estabelecida pela convergência para a tecnologia digital apresenta novas perspectivas para as emissoras, sejam elas públicas ou privadas, por estarem continuamente buscando maior amplitude de audiência. O estímulo a produções alinhadas à defesa de valores regionais

* Jornalista e mestre em Comunicação - UFSM, doutoranda em Comunicação - Unisinos e integrante do grupo de pesquisa CEPOS (Comunicação, Economia Política e Sociedade, apoiado pela Ford Foundation).

e ao desenvolvimento da cidadania parece estar mais próximo das TVs universitárias, principalmente das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), que não possuem um compromisso com a geração de lucro. No entanto, a baixa penetração da TV paga nos domicílios brasileiros ainda é um entrave para que a produção audiovisual alternativa, ou não hegemônica, alcance maior repercussão. Os últimos dados da Agência Brasileira de Telecomunicações (Anatel) atestam um percentual de 13,8 % dos domicílios com assinatura de TV a cabo no Brasil, um índice incomparável aos 99% de inserção da televisão aberta.

A lógica das emissoras comerciais, dominadas pelo capital comercial e cultural dos grandes conglomerados de mídia, manifesta-se em um padrão tecno-estético que difunde os valores ideológicos identificados com os interesses das grandes redes. Na medida em que as empresas dominantes no cenário nacional de indústria televisiva estão representadas politicamente, tanto no Congresso Nacional, na formação dos Ministérios, quanto nas comissões de acompanhamento da implantação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), invariavelmente interferem nas decisões acerca da estruturação desse novo padrão no Brasil. Para que sejam reservados e protegidos os espaços e valores de interesse público, por onde passa a

**“As produções das
televisões universitárias
poderiam ter lugar
tanto no Canal de
Cultura quanto no de
Cidadania, sendo este
último, de acordo com
as manifestações de
representantes do
Ministério das
Comunicações, o
destino mais provável”**

produção e veiculação de conteúdo audiovisual de identidade local e regional, é inegável a necessidade de projeção do Estado.

A estruturação do SBTVD, criado no primeiro mandato do presidente Lula, embora indicasse a intenção de proporcionar mecanismos que assegurassem participação da sociedade civil nas decisões que podem significar democratização na oferta de programação da televisão digital brasileira, esbarra nas limitações impostas pela escolha

do padrão japonês, definido em 13 de abril de 2006. Entre outras questões, o ISBD-T confere independência às atuais emissoras e limita espaços para novos canais. Estão definidos apenas quatro canais digitais para exploração da União, que foram designados como o Canal do Poder Executivo (divulgação de atos do governo); Canal de Educação (ensino à distância); Canal de Cultura (produções culturais e regionais) e Canal de Cidadania (programações das comunidades locais, incluindo atos e eventos dos poderes públicos federal, estadual e municipal).

As produções das televisões universitárias poderiam ter lugar tanto no Canal de Cultura quanto no de Cidadania, sendo este último, de acordo com as manifestações de representantes do Ministério das Comunicações, o destino mais provável. No entanto, as direções das TVs universitárias e das entidades representativas pressionam o governo federal para tentar delimitar um canal digital reservado exclusivamente às emissoras das universidades. Se essa possibilidade significaria uma espécie de migração dos canais que hoje estão na TV a cabo para o espectro digital, ou se exigiria uma redistribuição das concessões, é uma situação a ser resolvida durante as negociações que mobilizam a disputa política em torno do processo de implantação do novo sistema de exibição de televisão no Brasil.

**Curso de
Especialização
na Unisinos**

Estratégias e Processos em Televisão Digital

Início: 14 de maio de 2010

Coordenação: Prof. Dr. Valério Cruz Brittos e Prof. MS. Paola Madeira Nazário

Informações: Secretaria das Especializações - Ciências da Comunicação

Fone: (51) 3590-8131 / (51) 3012-1383

www.unisinos.br/educacaocontinuada

**Inscrições
abertas**

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 04-5-2010 a 8-5-2010.



Células-tronco: o artificial que é benéfico
Entrevista com Patrícia Pranke
Confira nas Notícias do Dia de 04-05-2010
Disponível no link <http://migre.me/CDMY>

Sobre as pesquisas em células-tronco embrionárias, diversas linhas de pensamento cercam a ideia de início da vida, tornando difícil a possibilidade de um consenso geral. Para a chefe do Laboratório de Hematologia e Células-tronco da UFRGS, Patrícia Pranke, não existe uma única concordância, nem no meio religioso e filosófico nem no científico.



Belo Monte: “Precisamos de outro modelo de desenvolvimento”
Entrevista com Dion Monteiro
Confira nas Notícias do Dia de 05-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/CDOF>

Na avaliação do economista Dion Monteiro, “o que está por trás da questão da Usina de Belo Monte é a concepção de vida de modelos de desenvolvimento e relações econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais que existem onde o econômico se destaca”.



A violência institucionalizada: ausência do Estado e do poder público
Entrevista especial com Julio Jacobo Waiselfisz
Confira nas Notícias do Dia de 06-05-2010

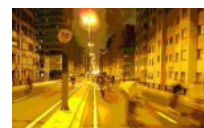
Disponível no link <http://migre.me/CDPP>

A má distribuição de renda é um dos principais fatores para o aumento da violência no mundo. Esse fator impacta muito mais os jovens do que os adultos. “Se pensa ainda hoje que a pobreza é o fator explicativo dos índices de violência e homicídios. Se fosse desta forma, os países mais pobres do mundo deveriam ser os mais violentos, e isso não acontece”.



O imperialismo brasileiro está nascendo?
Entrevista especial com Virgínia Fontes
Confira nas Notícias do Dia de 07-05-2010
Disponível no link <http://migre.me/CDUD>

Estamos vivendo o nascimento do imperialismo brasileiro, onde os grandes capitais originados aqui no país “estão se concentrando em uma proporção faraônica” e, assim, passam a fazer investimentos diretos fora do país, além de implantar empresas no exterior. A Petrobras e a Vale são bons exemplos disso.



Sociedade do risco
Entrevista com Ana Clara Torres Ribeiro
Confira nas Notícias do Dia de 08-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/DsSS>

Problemas envolvendo causas naturais estão muito presentes na sociedade atual. O risco é permanente. Porém, diferente da ideia que temos de risco, este se caracteriza pelas desigualdades que permeiam as grandes cidades do país. Ele nem sempre é conhecido, já que vivemos quase sempre em situações em que desconhecemos os condicionamentos técnicos.

Leia as Notícias do Dia no sítio do IHU
www.ihu.unisinos.br



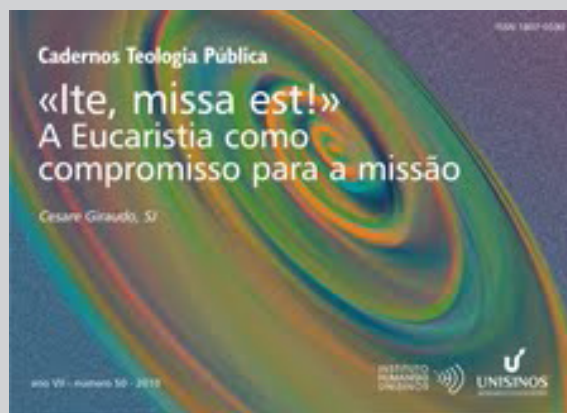
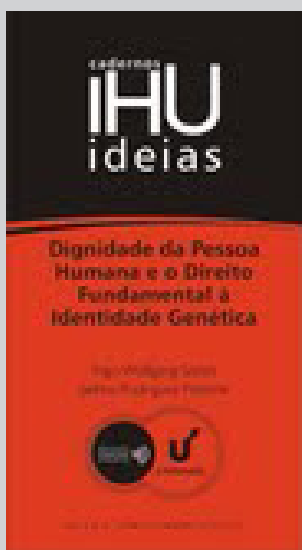
IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Dia 11/5/2010	
Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana (http://migre.me/Dt3P) Dr. Ernildo Stein - PUCRS A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 19h30min às 22h	
Dia 13/5/2010	
Evento: IHU ideias Profª Drª Clitia Helena Backx Martins - Doutora e mestre em ciências sociais, economista. Pesquisadora da FEE e professora da PUCRS (http://migre.me/Dt4i) Economia e sustentabilidade: novos indicadores de desenvolvimento Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 17h30min às 19h	
Dia 17/5/2010	
Evento: Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010 (http://migre.me/Dt4J) A (anti)filosofia de Karl Marx - Karl Marx , 1818-1883	

EVENTOS DOS PARCEIROS DO IHU

Dia 15 e 16/5/2010	
Escola de Formação Fé, Política e Trabalho - 2010 - Terceira etapa (http://migre.me/DtdQ) Uma iniciativa promovida pela Diocese de Caxias do Sul em parceria com o Instituto Humanitas Unisinos - IHU	
Escola de Formação Fé, Política e Trabalho - 2010 Prof. Dr. Pedrinho Guareschi - PUCRS Da alienação à conscientização para uma prática transformadora da realidade Local: Centro Diocesano de Formação Pastoral, Rua Emílio Ataliba Finger, 685 - Bairro Colina Sorriso, Caxias do Sul, RS Horário: 08h30min de sábado às 14h de domingo	

**Participe dos eventos do IHU - Informações
em www.ihu.unisinos.br**

Eventos

O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado

A vida não é distinguida entre bios e zoe pelo filósofo alemão, reduzindo o ser humano à pura zoologia, analisa Ernildo Stein. Heidegger mostra que o biologismo nietzscheano não é apenas uma veleidade, mas pretende atingir o princípio ou axioma da não-contradição

POR MÁRCIA JUNGES

“**H**eidegger mostra que o biologismo nietzscheano não é apenas uma veleidade, mas pretende atingir o princípio ou axioma da não-contradição pela qual o ser humano se orienta em todas as manifestações. Se esse axioma é biológico, então, todo o manifestar-se do ser humano é apenas biológico. Nietzsche atingiu assim o coração mesmo da essência da razão, reduzindo-a a uma simples função da vida”. A constatação é do filósofo Ernildo Stein, em entrevista exclusiva, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**. De acordo com ele, Nietzsche não distingue a vida entre bios e zoe, já que pretende é “reduzir o ser humano à pura zoologia, através da eliminação da diferença que é garantida na definição aristotélica do zoón lógon echón. Justamente o lógos só é possível mediante o axioma da não-contradição, que já foi biologizado em Nietzsche, melhor diríamos, zoologizado”. As ideias serão debatidas na conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Stein aponta o biologismo radical de Nietzsche, que não deve ser minimizado. Ao analisar os conceitos grande saúde, de Nietzsche, e biopoder, de Foucault, afirma que não devemos esperar “demais de uma aplicação desses dois conceitos no mundo contemporâneo nas áreas da psicologia, pedagogia, ou mesmo, da crítica do poder. Eles são panoramas muito amplos, um, tendo por base a realidade, e o outro, fazendo da literatura o pedestal para um grande sonho”.

Stein é graduado em Filosofia e Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Curvou doutorado na mesma universidade, em Filosofia e pós-doutorado na Universität Erlangen-Nürnberg, Alemanha. Atualmente, é docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e membro do corpo editorial das publicações *Reflexão*, *Problemata*, *Natureza Humana* e *Ágora*. Publicou dezenas de livros, entre eles *Seminário sobre a verdade: lições introdutórias para a leitura do parágrafo 44 de Ser e Tempo* (Petrópolis: Vozes, 1993); *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997); *Diferença e metafísica* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000); *Compreensão e finitude* (Ijuí: Unijuí, 2001); *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002); *Mundo Vivido: Das vicissitudes e dos usos de um conceito da fenomenologia* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004) e *Seis estudos sobre Ser e Tempo* (3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os principais aspectos da crítica de Heidegger¹ ao

1 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a **IHU On-Line** publicou na edição 139, de 02-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de*

Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNty>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU* em

biologismo de Nietzsche²?

formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtl>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes

Ernilo Stein - Como ponto de partida para responder a esta questão, comecemos por uma afirmação de Heidegger, comentando o seguinte aforismo de Nietzsche: “As categorias são ‘verdades’ que condicionam a vida para nós: exatamente como o espaço euclidiano é uma tal ‘verdade’ condicionante”.

“Dito de maneira grosseira: as categorias, o pensar com categorias, assim como a regulação e a articulação desse pensamento: a lógica - a vida arranja tudo isso para si, a fim de se conservar. Essa doutrina da proveniência do pensamento e das categorias não deve ser chamada de biologismo? Não queremos fechar os olhos para o fato de Nietzsche pensar aqui de maneira palpavelmente biológica e falar mesmo dessa maneira sem qualquer constrangimento” (HEIDEGGER).

O filósofo, continuando a análise de Nietzsche, que afirma que “ninguém sustentará a necessidade de que haja homens, a razão é uma mera idiossincrasia de determinadas espécies animais”, conclui: “Nietzsche constata: ‘A espécie animal particular homem, assim, é algo puramente subsistente’”. Depois desse apanhado geral do flagrante biologismo nietzscheano, Heidegger apresenta o seu veredicto, citando Nietzsche: “A compulsão subjetiva, para não contradizer, aqui é uma compulsão biológica.” e comenta: “Essa sentença é formulada uma vez mais de maneira tão concisa, que poderia permanecer despercebida, se não tivéssemos

“Verdade, esse tipo de erro que um certo tipo de animal precisa para sobreviver”. Friedrich Nietzsche

aprendido com as manifestações anteriores”.

Heidegger, portanto, mostra que o biologismo nietzscheano não é apenas uma veleidade, mas pretende atingir o princípio ou axioma da não-contradição pela qual o ser humano se orienta em todas as manifestações. Se esse axioma é biológico, então, todo o manifestar-se do ser humano é apenas biológico. Nietzsche atingiu assim o coração da essência da razão, reduzindo-a a uma simples função da vida.

Não temos nessa manifestação do filósofo uma simples crítica de Heidegger. O que vem sintetizado é simplesmente a absoluta redução do homem ao *bios*, ao biológico, e talvez mesmo, à *zoe*, o raso do acontecer zoológico. Tem importância a discussão entre *bios* e *zoe* porque, como diz Heidegger, o *bios* é a *zoe* com “currículo” (elementos sucessivos que revelam um progresso para além do biológico), enquanto a *zoe* é o mero dar-se como coisa. “Vida”, em Nietzsche, não distingue entre *bios* e *zoe*, porque efetivamente o que o autor pretende é reduzir o ser humano à pura zoologia, através da eliminação da *diferença* que é garantida na definição aristotélica do *zoón lógon echón*. Justamente o *lógos* só é possível mediante o axioma da não-contradição, que já foi biologizado em Nietzsche, melhor diríamos, zoológico.

Além de o autor de *Assim falou Zaratustra* dizer que a não-contradição não é uma necessidade, mas uma incapacidade do animal, ele termina sentenciando o fim (a destruição) da verdade: “Verdade, esse tipo de erro que um certo tipo de animal precisa para sobreviver”. Não é preciso ler mais de Nietzsche para nos convenceremos de seu biologismo radical, introduzido

estrategicamente para desenvolver toda a sua visão do ser humano. Quem se arrisca a minimizar esse biologismo, recusando-o como núcleo central do pensamento de Nietzsche, se desvia da intenção básica desse filósofo e está livre para qualquer interpretação que melhor lhe parecer.

IHU On-Line - Por que Heidegger fala num “pretensão biologismo” desse autor?

Ernilo Stein - Não encontrei nenhuma passagem em Heidegger que falasse, a propósito de Nietzsche, em “pretensão biologismo”. O atenuante que se esconderia na palavra “pretensão” certamente não pode ser encontrado no que foi dito acima. É claro que a multidão de intérpretes de Nietzsche, que se servem à vontade de seu biologismo, gostaria que fosse um biologismo especial, que permitisse focar Nietzsche como um filósofo protegido contra as consequências de seu próprio pensamento. Tal estratégia está presente em todas as interpretações que pretendem se guiar positivamente em Nietzsche para a construção de qualquer pensamento filosófico.

IHU On-Line - Qual é a interpretação de Foucault³ sobre o biologismo

³ Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Em duas edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/vMiS> e a edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/vMjZ>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível para download em <http://migre.me/vMjd> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. Confira, também, a entrevista com o filósofo José

Assim falou Zaratustra (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://migre.me/s7BB>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line, edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “*Nietzsche e Paulo*”, disponível para download em <http://migre.me/s7BH>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. (Nota da IHU On-Line)

nietzscheano?

Ernildo Stein - Foucault não é, em primeiro lugar, um intérprete de Nietzsche. Há, certamente, passagens em sua obra em que encontramos algum aspecto que poderia parecer indicar uma proximidade com Nietzsche. Foucault ultrapassou qualquer possibilidade de identificá-lo com o biologismo nietzscheano. É verdade que em Nietzsche, o biologismo tem uma função: subverter a metafísica da transcendência. Mas ele acabou se tornando o último grande metafísico, no sentido de que, com seu biologismo, instala um princípio epocal que realiza a tarefa de encobrir a questão do ser e do ente, que é aquilo que salva a diferença desde os pré-socráticos. É por isso que Nietzsche tem algo que jamais pode ser localizado em Foucault. Este é um além-nietzscheano: Nele não é negado o princípio da não-contradição, a questão da verdade, e a questão da diferença. Há uma secreta distinção que sustenta o edifício foucaultiano: a diferença entre *bios* e *zoe*. É isso que lhe permite desenvolver um tipo de filosofia que supera o essencialismo nietzscheano de maneira definitiva e o coloca entre os grandes filósofos da narrativa. A visão que esse filósofo nos apresenta com as análises que o levam até a biopolítica é uma caminhada através de sucessivas histórias que compõem a cultura ocidental, através de uma perspectiva arqueológica.

IHU On-Line - Em que sentido a biopolítica tem ressonâncias da grande saúde nietzscheana?

Ernildo Stein - Tentemos primeiro compreender algo da biopolítica de Foucault. O filósofo afirmou, no fim de sua vida, que o objetivo de suas investigações era aquilo que encontrara nas suas últimas grandes preleções: o novo modo de pensar o eu e a hermenêutica do sujeito. Desse modo, podemos dizer que só se compreende a biopolítica desde o ponto de vista da arqueologia do saber e dos diversos saberes que percorrem os livros que desenvolveu nas obras que

Ternes, concedida à IHU On-Line 325, sob o título Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico, disponível em <http://migre.me/zASO>. (Nota da IHU On-Line)

“Não é preciso ler mais de Nietzsche para nos convenceremos de seu biologismo radical, introduzido estrategicamente para desenvolver toda a sua visão do ser humano”

cercam *Vigiar e punir* e sua *Microfísica do poder*. Não há dúvida que a leitura da introdução à biopolítica nos dá uma minuciosa ideia de que toda a evolução do liberalismo representou, basicamente, uma moldura para uma outra política, a política dos corpos, a biopolítica. Trata-se, portanto, em primeiro lugar, da descrição detalhada de como se constitui a administração do vivente humano em todas as suas formas de manifestação. Para tal foram desenvolvidos três níveis de análise em Foucault.

O primeiro nível trata propriamente da gestão da população, do ponto de vista demográfico e censitário mais amplo possível. Nesse nível, temos as múltiplas estratégias sobre os movimentos das populações da espécie humana, como nascimento e morte, grupos divididos por diversos critérios, migrações, todos os aspectos que entram em jogo para o capitalismo nascente ter uma visão global das questões coletivas que surgem em torno da distribuição da população.

O segundo nível aborda particularmente a questão das formas de confinamento e reclusão, como estabelecimentos penais, instituições de internamento psiquiátrico, outras formas de internação como institutos educacionais e outros, onde se desenvolve um tipo de segregação e vigilância sobre indivíduos já separados por critérios específicos.

Se, no primeiro nível, os critérios de distribuição eram os processos biológicos, como o controle dos nascimentos e da mortalidade, a

saúde da população, a duração da vida - a longevidade, nesse segundo nível, se esboça um processo de defesa da sociedade que leva a mecanismos de criação de populações segregadas em instituições de punição ou de educação. Podemos dizer que, no segundo nível, começam a aparecer as tecnologias disciplinares em que os indivíduos são submetidos a controles dos diversos processos biológicos.

No terceiro nível, temos o surgimento das diversas formas de disciplina para a formação do mundo interior ou das consciências. É aí que se constituem os discursos que fazem o ser humano catalogar diversas formas de considerar uma parte de sua vida privada.

A breve referência a esses três níveis nos permite ver uma forma de administrar a vida humana através de disciplina, regulamento e autocontrole. Do orgânico ao biológico até o espiritual, a vida é construída para que alguém tenha sobre ela uma espécie de possibilidade de controle do homem espécie. Foucault fala, muitas vezes, em todos esses aparelhamentos como em instituições que servem ao controle geral ou dos corpos pela anatomo-política e do homem espécie pela biopolítica.

Biopolítica e grande saúde

Há um ponto central a acentuar em tudo isto, e que aparece, sobretudo, em sua obra de introdução à biopolítica, que se refere a duas lógicas. De um lado, a lógica da soberania, que consiste no “fazer morrer” e no “deixar morrer”. De outro lado, a lógica da biopolítica, que faz viver e deixa morrer. Podemos dizer que a biopolítica se refere a um poder que gere a vida.

Foi necessária essa pequena digressão para que se tornasse flagrante a diferença entre a biopolítica e a “grande saúde” nietzscheana. Temos a magistral passagem de *A Gaia Ciência* descrevendo a “grande saúde”:

“Nós, os novos, os sem-nome, os difíceis de entender, nós, os nascidos cedo de um futuro ainda indemonstrado - nós precisamos, para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma nova saúde, de uma saúde mais

forte, mais engenhosa, mais tenaz, mais temerária, mais alegre do que todas as saúdes que houve até agora. Aquele cuja alma tem sede de viver o âmbito inteiro dos valores e anseios que prevaleceram até agora e de circunavegar todas as costas desse 'mar mediterrâneo' ideal, aquele que quer saber, pelas aventuras de sua experiência mais própria, o que se passa na alma de um conquistador e explorador do ideal, assim como de um artista, de um santo, de um sábio, de um legislador, de um erudito, de um devoto, de um adivinho, de um apóstata no velho estilo: este precisa, para isso, primeiro que tudo, de uma coisa, da grande saúde - de uma saúde tal, que não somente se tem, mas que também constantemente se conquista ainda, e se tem que conquistar, porque se abre mão ela outra vez, e se tem de abrir mão!..."

Vemos que a biopolítica representa um projeto inacabado que Foucault desenvolvera para realizar uma história profunda da modernidade enquanto moldura da administração da vida humana. O autor não faz nenhum tipo de avaliação positiva ou negativa da biopolítica. Importa-lhe um registro o mais detalhado possível daquilo que constitui não apenas a microfísica do poder, mas também a infiltração capilar de ideias e mentalidades no desenvolvimento da espécie na modernidade.

Nietzsche, ao contrário, desenha um quadro transfigurado para o homem que assumiu o niilismo radical e admitiu o desaparecimento do mundo suprassensível. Para isso, o autor recorre aos seus grandes princípios interpretativos da "vontade de poder", do "eterno retorno", do niilismo definitivo, da "morte de Deus" e do "super-homem". Assim elabora a base para a transvaloração de todos os valores e o surgimento de uma nova espécie de homem, que é figurado na "grande saúde".

IHU On-Line - Qual é a atualidade desses dois conceitos?

Ernildo Stein - Quando se pergunta pela atualidade de um conceito, tem-se quase sempre em mente uma

"Se quisermos situar a biopolítica e a grande saúde num quadro de avaliação filosófica, temos de reconhecer que ambos são constituídos por uma grande ausência"

espécie de função prática, quando não, ideológica. É claro que a biopolítica descreve uma história humana da modernidade nada positiva. Ela revela, no fundo, um olhar soturno de Foucault sobre a existência no planeta. Mas isso tudo deve ser visto como um genial registro, mas não como uma espécie de fórmula, ou com vocação para mudanças. O mundo para Foucault é assim, e a história será certamente o palco de um movimento em que irá se radicalizar a biopolítica.

Agamben⁴ chama atenção para

4 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007, o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista "Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben", com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível para download em <http://migre.me/uNk1>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista "Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito", com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse <http://migre.me/uNkY>. Confira, também, a entrevista Compreender a atualidade através de Agamben, realizada com o filósofo Rossano Pecoraro, disponível para download em <http://migre.me/uNme>. A edição 81 da Revista IHU On-Line, de 27-10-2003, tem como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: A lei política moderna*, disponível

o fato notório de Foucault passar da biopolítica para uma hermenêutica do sujeito, baseada numa interpretação dos clássicos, do estoicismo e dos antigos ascetismos. E como que recrimina o autor por não ter estendido a sua biopolítica à política totalitária dos campos de extermínio, de segregação do estrangeiro e da *vida nua*. Nietzsche, com seu conceito de grande saúde, nos traça um vasto panorama do homem feliz, num mundo ideal com que talvez sonhava.

Não esperemos demais de uma aplicação desses dois conceitos no mundo contemporâneo nas áreas da psicologia, pedagogia, ou mesmo, da crítica do poder. Eles são panoramas muito amplos, um, tendo por base a realidade, e o outro, fazendo da literatura o pedestal para um grande sonho.

Se quisermos situar a biopolítica e a grande saúde num quadro de avaliação filosófica, temos de reconhecer que ambos são constituídos por uma grande ausência. Em Foucault, toda a transcendência é absorvida no *panopticum* com que observa o grande campo da humanidade fechada sobre si mesma. A grande saúde de Nietzsche não é nada mais do que o registro do que o filósofo pensa que o ser humano poderia ser sem a influência do mundo suprassensível. Certamente, adivinhamos, nesses dois quadros geniais de filósofos, a desolação, ou então, uma expectativa irrealizável que se implantou numa história que pergunta pelo seu próprio sentido.

LEIA MAIS...

Ernildo Stein já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira:

- *A superação da metafísica e o fim das verdades eternas*. Revista IHU On-Line, número 185, de 19-06-2006, disponível para download em <http://migre.me/Dw2U>
- *Depois de Hegel: "o mais original diálogo entre Filosofia analítica e dialética"*. Revista IHU On-Line, número 261, de 08-06-2008, disponível para download em <http://migre.me/Dw3u>
- *O abismo entre a ética da psicanálise e o discurso ético universal*. Revista IHU On-Line, número 303, de 10-08-2009, disponível para download em <http://migre.me/Dw5j>

em <http://migre.me/uNo5>. (Nota da IHU On-Line)

Economia, sustentabilidade e novos indicadores de desenvolvimento

Em um planejamento para a sustentabilidade, o funcionamento dos ecossistemas e sua resiliência específica dariam a medida limite da escala dos processos econômicos, sendo este o indicador de desenvolvimento a ser utilizado, defende Clitia Martins

POR GRAZIELA WOLFART

A professora da PUCRS e pesquisadora da FEE, Clitia Helena Backx Martins, acredita que estamos avançando no debate sobre economia e sustentabilidade. Entretanto, continua, “ainda há muito para fazer em termos de educação ambiental e conscientização, especialmente no que diz respeito aos processos de reeducação para um consumo nos moldes de conforto essencial e simplicidade voluntária”. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, ela aponta que “as Nações Unidas têm se empenhado (...) a valorar os recursos naturais, em especial a água. Evidentemente, esses recursos são uma fonte importantíssima de riqueza, mas há questões de geopolítica que impedem que os países que os concentram em seu território sejam considerados como os mais ricos potencialmente no planeta”.

“Economia e sustentabilidade: novos indicadores de desenvolvimento” será o tema a ser apresentado pela professora Clitia na próxima quinta-feira, na Unisinos, das 17h30min às 19h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. O evento é gratuito.

Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Clitia Martins é pesquisadora da Fundação de Economia e Estatística do Governo do Estado do Rio Grande do Sul - FEE e professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, no Departamento de Economia e no Instituto do Meio Ambiente. Também é diretora do Núcleo Sul da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica - ECOECO, vinculada à International Society for Ecological Economics - ISEE, participante da Red Iberoamericana de Investigadores sobre Globalización y Territorio e da Red Iberoamericana de Economía Ecológica REDIBEC. É autora de *Trabalhadores na Reciclagem do Lixo: Dinâmicas Econômicas, Socioambientais e Políticas na Perspectiva de Empoderamento* (Porto Alegre: FEE, 2005); e organizadora de *Indicadores Econômico-Ambientais na Perspectiva da Sustentabilidade* (Porto Alegre: FEE/Fepam, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line - De que forma podemos relacionar economia e sustentabilidade?

Clitia Martins - Levando em consideração a raiz grega comum dos termos Ecologia e Economia, constata-se que, se Ecologia significa o estudo (logos) da casa (oikos), Economia corresponde às normas (nomos) dessa nossa

casa ampliada, que é o planeta Terra. Contudo, tanto a “economia convencional” quanto a “ecologia convencional” são insuficientes para prover uma análise integrada das conexões entre o sistema econômico e o ambiente natural. Assim, numa visão integradora, define-se economia como o estudo das formas através das quais as pessoas se

organizam para sustentar a vida e melhorar sua qualidade. Nesse contexto, a Economia Ecológica, que se constitui a partir do final dos anos 1980 como um campo transdisciplinar, aponta para a necessidade do desenvolvimento de novos conceitos e instrumentos. Entendida como a ciência da gestão da sustentabilidade, essa corrente estuda

as relações entre os sistemas econômicos e os ecossistemas, a partir de uma crítica ecológica da economia convencional.

IHU On-Line - Como podemos definir ecodesenvolvimento?

Clitia Martins - A noção de ecodesenvolvimento surge na década de 1970, através dos trabalhos de Ignacy Sachs¹, evidenciando uma crescente preocupação com a escassez dos recursos naturais e com o futuro das próximas gerações. Para tanto, centra-se na necessidade de um planejamento que garanta eficiência econômica, equidade social e prudência ecológica. Sua fundamentação, dentro do princípio de desenvolvimento endógeno, segue a linha defendida por Mahatma Gandhi² no processo de independência da Índia: “self-reliance”, ou seja, valorizar os recursos e os conhecimentos nativos de cada cultura e região.

IHU On-Line - Em que sentido a sustentabilidade ambiental pode ser contabilizada como um indicador de desenvolvimento em uma economia capitalista?

Clitia Martins - Em um planejamento para a sustentabilidade, o funcionamento dos ecossistemas e sua resiliência específica dariam a medida limite

“Existe uma contradição básica nas economias capitalistas entre o princípio de sustentabilidade e o motor que alimenta esse sistema, baseado na expansão constante da produção e do consumo”

da escala dos processos econômicos, sendo este o indicador de desenvolvimento a ser utilizado. Alguns órgãos internacionais, como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD e o Banco Mundial, atualmente, estão tentando criar indicadores ambientais e aplicá-los para medir qualidade de vida e bem-estar. Contudo, percebe-se que existe uma contradição básica nas economias capitalistas entre o princípio de sustentabilidade e o motor que alimenta esse sistema, baseado na expansão constante da produção e do consumo.

IHU On-Line - Qual o conceito de desenvolvimento sustentável na visão de um economista?

Clitia Martins - Depende da abordagem dentro do pensamento econômico. Há quem se refira a uma distinção entre duas visões no estudo das relações entre economia e meio ambiente:

a) a da “sustentabilidade fraca”, correspondente à Economia Ambiental de cunho neoclássico, que acredita ser possível a substituição irrestrita do capital natural por capital manufaturado, como, por exemplo: se uma madeira natural é usada até a extinção, sugere-se substituir por um material sintético; e

b) a da “sustentabilidade forte”, vinculada à Economia Ecológica, que coloca a necessidade de manutenção de um capital natural crítico, levando em conta a capacidade de suporte dos ecossistemas. Nesse ponto de vista,

capital natural e capital manufaturado são complementares e não substituíveis; assim sendo, os recursos naturais possuem um valor intrínseco.

IHU On-Line - Quais são os sinais de uma possível mudança cultural que passe a considerar as riquezas ambientais como grandes valores econômicos?

Clitia Martins - As Nações Unidas têm se empenhado, através do seu Departamento de Estatísticas, a valorar os recursos naturais, em especial a água. Evidentemente, esses recursos são uma fonte importantíssima de riqueza, mas há questões de geopolítica que impedem que os países que os concentram em seu território sejam considerados como os mais ricos potencialmente no planeta.

IHU On-Line - Como a senhora qualifica as políticas públicas para a gestão ambiental no Rio Grande do Sul e no Brasil?

Clitia Martins - O Brasil e o Estado do Rio Grande do Sul contam com um arcabouço legal-institucional bastante completo e consistente, que vem dos anos 1980, em especial a partir da Constituição de 1988. Contudo, nos últimos anos, tem-se tornado evidente uma tentativa orquestrada de desmonte desse arcabouço, em termos tanto da legislação quanto das políticas públicas de proteção ambiental, igualmente no País e no Estado, a partir de interesses provenientes de alguns setores econômicos, que seguem com a mentalidade insustentável do “progresso” de caráter destrutivo da vida.

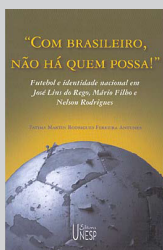
IHU On-Line - Quais os rumos que a senhora vislumbra em relação ao debate sobre economia e sustentabilidade?

Clitia Martins - Acredito, como alguns colegas e amigos, que estamos avançando no debate sobre economia e sustentabilidade. Entretanto, ainda há muito para fazer, em termos de educação ambiental e conscientização, especialmente no que diz respeito aos processos de reeducação para um consumo nos moldes de conforto essencial e simplicidade voluntária.

¹ Ignacy Sachs: nascido em Varsóvia, em 1927, é eco-socio-economista. É professor da Escola de Altos Estudos e Ciências Sociais, em Paris, e codiretor do seu Centro de Estudos sobre o Brasil contemporâneo. Escreveu mais de 20 livros, dos quais estão publicados no Brasil *Capitalismo de Estado e Subdesenvolvimento: Padrões do setor público em economia subdesenvolvida* (Petrópolis: Vozes, 1969); *Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir* (São Paulo: Vértice, 1986); *Espaços, tempos e estratégias do desenvolvimento* (São Paulo: Vértice, 1986); e *Desenvolvimento incluyente, sustentável e sustentado* (Rio de Janeiro: Garamond/Sebrae, 2004) (Nota da IHU On-Line).

² Mahatma Gandhi (1869-1948): líder pacifista indiano, um dos idealizadores e fundadores do moderno estado indiano e um influente defensor do Satyagraha (princípio da não-agressão, forma não-violenta de protesto) como um meio de revolução. O princípio do Satyagraha, frequentemente traduzido como “o caminho da verdade” ou “a busca da verdade”, também inspirou gerações de ativistas democráticos e antirracistas, incluindo Martin Luther King e Nelson Mandela. Frequentemente Gandhi afirmava a simplicidade de seus valores, derivados da crença tradicional hindu: verdade (satya) e não-violência (ahimsa). (Nota da IHU On-Line)

Sala de Leitura



>> *Com brasileiro, não há quem possa* (São Paulo: Unesp, 2004)

“Nestes dias que antecedem à Copa do Mundo, estou lendo o livro *Com brasileiro, não há quem possa* (São Paulo: Unesp, 2004). Trata-se de uma tese de doutorado de Fátima Ferreira Antunes, que transita a análise sobre os efeitos da ‘tragédia’ pela derrota da Copa de 50, em pleno Maracanã, e os sentimentos eufóricos nacionalistas, advindos com a primeira conquista da Copa do Mundo, em 1958. Na obra, a principal reflexão recai sobre a identidade nacional e o futebol, a partir das opiniões construídas nas crônicas literárias e jornalísticas de José Lins do Rego, de Mário Filho e de Nelson Rodrigues. De modo particular, conforme indica e detalha Ferreira Antunes, cada cronista estabeleceu um prisma para debate, contrariando a tese da tristeza do povo brasileiro contida em ‘Retrato do Brasil’, de Paulo Prado”.

Sérgio Endler, professor na Unidade de Ciências da Comunicação da Unisinos



>> *Uma vida menos ordinária* (Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008)

“Estou terminando a leitura de um interessante relato de vida de uma mulher indiana, que traduz, em narrativa, sua própria vida, de mulher abandonada, humilhada e privada de todos os afetos, elementos próprios de uma cultura discricionária com a mulher, como é o caso da Índia. O texto intitulado *Uma vida menos ordinária* (Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008), escrito por Baby Alder, traz, em uma linguagem carregada de emoção e de um realismo cotidiano, as formas de vida pensadas e experimentadas, a partir dos valores culturais e religiosos indianos, impostas às mulheres e diante das quais o mundo feminino assume como determinação, sem questionamentos. É fascinante a capacidade da autora de traduzir a dor em palavras, fugindo de um lamento primitivo”.

Cecília Pires, professora da Unidade de Ciências Humanas da Unisinos

XII Simpósio Internacional IHU
A experiência missioneira
território, cultura e identidade
 De 25 a 28 de outubro de 2010

Informações e inscrições:
 (51) 3590 8474 ou 3590 8223 • www.ihu.unisinos.br
 Local: Anfiteatro Pe. Werner • Av. Unisinos, 950 • São Leopoldo • RS

IHU Repórter

Luiz Rohden

POR MÁRCIA JUNGES E GRAZIELA WOLFART | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

“**A**cho que sou organizado até demais! Entre outros, aponto este como um dos meus defeitos. Com os jesuítas, desde cedo, aprendi a ser e viver de forma exageradamente disciplinada. Adoro acordar cedo e, enquanto tomo meu chimarrão, faço minha meditação, pois me considero e vivo como um contemplativo na ação”. Assim se define o professor Luiz Rohden, do PPG em Filosofia da Unisinos. Amante da pesquisa filosófica e da literatura, Luiz conta, nesta entrevista, os aspectos mais marcantes de sua trajetória intelectual e pessoal. Saiba mais sobre o pai da Helena, que confessa: “adoro jogar futebol”. Confira.



Origens - Sou natural de Caibaté, que é uma cidade muito pequena da fronteira do Rio Grande do Sul, perto de São Luiz Gonzaga. Saí muito cedo de lá, com 12 anos. Deixei meus pais, meus irmãos, e fui para o seminário dos padres jesuítas em Salvador do Sul. Eu queria sair daquele ambiente, não gostava de trabalhar na roça. Sou o filho mais velho entre seis irmãos. Meus pais nunca foram ricos, mas pagaram, com muito esforço, estudo em colégio particular para todos os filhos. Esta foi a maior e melhor herança que nos deixaram.

Formação jesuítica - Sou remanescente daquela leva de estudantes jesuítas que ingressavam no seminário ainda adolescente. Passei seis anos estudando no Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul, onde estudei até o final do segundo grau, depois estudei um ano em São Leopoldo, também com os jesuítas, na Escola Santo Afonso. Então fui para o noviciado, aos 18 anos de idade, onde permaneci por dois anos em Cascavel, SC. Em João Pessoa, Paraíba, fiz o juniorado, que foi um belíssimo período de formação

“Sou remanescente daquela leva de estudantes jesuítas que ingressavam no seminário ainda adolescente”

sobre estudos humanísticos, onde estudamos línguas, literatura e pastoral. Esses dois anos de juniorado foram riquíssimos seja pela formação humano-intelectual, possibilidade de ler e escrever [grandes paixões da minha vida], seja pela experiência de viver no nordeste e poder, lá, conhecer a vida alegre e sofrida das pessoas. Depois disso, passei três anos em Belo Horizonte, onde fiz minha graduação em Filosofia vinculada à UFMG. Tive o prazer de ser aluno do Pe. Henrique de Lima Vaz¹ [com quem aprendi a amar

1 Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921 - 2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A IHU On-Line número 19, de 27-05-2002, disponível em <http://migre.me/Dto9>, dedicou sua matéria de capa

à vida e à obra de Lima Vaz, com o título *Sábio, humanista e cristão*. Sobre ele também pode ser consultado na IHU On-Line nº 140, de 09-05-2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin, disponível em <http://migre.me/Dtoo>. A revista *Síntese*. Revista de Filosofia, n. 102, jan.-ab. 2005, p. 5-24, publica o artigo *Um Depoimento sobre o Padre Vaz*, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. Celebrando a memória do Padre Vaz, a edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória*, disponível para download em <http://migre.me/Dtol>. Confira, ainda, os seguintes materiais, publicados pela IHU On-Line: a Entrevista da Semana intitulada *Vaz e a filosofia da natureza*, com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-06, disponível em <http://migre.me/Dtor>; a entrevista *Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa*, com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06, disponível em <http://migre.me/Dtp2>; os *Artigos da Semana* intitulados *O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental*, na edição 185, de 19-06-06, disponível em <http://migre.me/Dtpc>, e *Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz*, na edição 189, de 31-07-06, disponível em <http://migre.me/DtpD>, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a IHU On-Line edição 197, de 25-09-2006 trouxe como tema de capa *A política em tempos de niilismo ético*, disponível para download em <http://migre.me/DtpM>. Nessa edição, confira especialmente as entrevistas com Juarez Guimarães, intitulada *Crise de fundamentos éticos do espaço público*, e a entrevista com Marcelo Perine, *Padre Vaz e o diálogo com a modernidade*. Esse tema, em específico,

a filosofia antiga e temas antropológicos], do nosso atual reitor, Pe. Marcelo Aquino [com quem estudei metafísica e teoria do conhecimento], do Marcelo Perine, e de outros excelentes professores que me proporcionaram uma formação exemplar. Durante o dia, estudava filosofia, e, à noite, lia clássicos da literatura: Dostoiévski, Thomas Mann, Dante, Victor Hugo, Kafka, Guimarães Rosa, Machado. Posso dizer que tive ótimos mestres em Belo Horizonte, mas destaco duas pessoas: Henrique de Lima Vaz e João Batista Libânio.

Ser professor - Já naquela época eu pensava em ser professor de Filosofia. Durante meus estudos entre a Filosofia e a Teologia, lecionei filosofia no Colégio Anchieta, em Porto Alegre. Foi ali que aprendi a ser professor. Aliás, gosto de sê-lo. Então fiz o mestrado em Filosofia, na PUCRS e, neste tempo, passei seis meses em Munique, na Alemanha, estudando alemão. Fiz um ano de Teologia em Belo Horizonte e decidi sair da Companhia de Jesus, pois vi que aquele não era meu caminho de realização e de felicidade. Naquele ano em que estava saindo da Companhia de Jesus, houve seleção de professores para a Unisinos de modo que me inscrevi, passei e, em 1996, comecei a trabalhar aqui na Universidade, onde sou professor desde então. No meu primeiro ano de atividades aqui, reescrevi minha dissertação de mestrado e a publiquei em forma de livro com o título *O poder da linguagem. A arte retórica de Aristóteles* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997).

PPG em Filosofia - Participei do processo de criação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos, que começou em 1999. Logo no início do nosso programa de mestrado em filosofia aqui na universidade, o Pe. Marcelo Aquino me pediu

foi abordado por Perine em uma conferência em 22-05-2007, no Simpósio Internacional O futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Na edição 186 da IHU On-Line, de 26-06-2006, o reitor da Unisinos, Prof. Dr. Marcelo Aquino, SJ, reitor da Unisinos, concedeu a entrevista *Vaz, intérprete de uma civilização arreliosa*. Confira no link <http://migre.me/DtpU>. (Nota da IHU On-Line)

“Decepionei-me muito com certas alianças do PT, por exemplo, com Sarney e seus comparsas e com toda essa máfia da política brasileira. Isso me deprime. Lastimo o descaso e pouco investimento na educação básica, fundamental”

para organizar e editar a Revista Filosofia Unisinos, o que fiz com muito trabalho e com a colaboração dos colegas de colegiado. Enquanto dava aulas na Unisinos, em 1997, comecei a fazer o doutorado na PUCRS, em Filosofia.

Dois filósofos marcantes - Fiz o doutorado sanduíche, na Alemanha, onde tive o prazer e a alegria de encontrar e poder conversar com Hans-Georg Gadamer², cuja obra foi meu objeto de investigação no doutorado. Sua postura de simplicidade e capacidade de diálogo com as diferentes áreas e problemas humanos me inspiram até hoje. Do ponto de vista da minha formação humano-intelectual, gostaria de mencionar a figura do professor William Richardson³, que foi

² Hans-Georg Gadamer: filósofo alemão, autor de *Verdade e método* (Petrópolis: Vozes, 1997), faleceu no dia 13-03-2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da IHU On-Line número 9, de 18-03-2002, *Nosso adeus a Hans-Georg Gadamer*, disponível em <http://migre.me/DtiK>. (Nota da IHU On-Line)

³ William Richardson: filósofo e psicanalista norte-americano, sacerdote jesuíta, professor do Departamento de Filosofia do Boston College, em Chestnut Hill, Massachusetts, EUA. Confira a entrevista concedida por ele à edição 187 da Revista IHU On-Line, de 03-07-2006, intitulada *Heidegger e a subjetividade*, disponível para download em <http://migre.me/uNtI>.

meu supervisor do estágio pós-doutoral na universidade de Boston, EUA. Discípulo e amigo de Heidegger⁴, com ele muito aprendi e destaco dele a capacidade de ouvir e seu entusiasmo pelo saber.

Áreas de interesses - Tenho vários interesses e atuo em diferentes campos do conhecimento. Considero-me um apaixonado pela Filosofia Antiga [Platão, Aristóteles, mitologia grega, tragédias e comédias] e pelo mundo da hermenêutica, sobre o qual fiz meu doutorado. Minha especialidade hoje é em filosofia hermenêutica: Heidegger, Gadamer e Paul Ricoeur, e meu projeto de produtividade em pesquisa versa sobre isto. Outra área à qual me dedico é filosofia e literatura de modo geral, com ênfase na obra de João Guimarães Rosa. Temos um grupo de amigos e pesquisamos há mais de dez anos sobre esse tema. Estudamos durante três anos *Primeiras Estórias*, durante cinco anos, refletimos sobre *Grande Sertão: Veredas* e, no momento, estamos saboreando *Corpo de Baile*. Outra área que venho desenvolvendo alguns trabalhos é filosofia e cinema. Ultimamente, tenho me dedicado, também, a estudos relativos ao pensamento e à filosofia oriental.

Filme - *O auto da compadecida*, de Guel Arraes.

Futebol - Adoro futebol e praticar esportes em geral. Jogo todas as quartas-feiras, há mais de dez anos, com

[me/DtiS](http://migre.me/DtiS). (Nota da IHU On-Line)

⁴ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU Em Formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. (Nota da IHU On-Line)



Admiro a atual gestão que, com sua visão holística, procura integrar humanismo com tecnologia, conhecimento com efetiva contribuição social. Ao nos tomar como parceiros deste processo, nos sentimos responsáveis com seu bom andamento de modo que, neste jogo, assim jogado, todos saímos ganhando. Sou imensamente grato à universidade pelo ambiente que sempre me proporcionou para a pesquisa e atuar como formador de recursos humanos.

IHU - O que acho muito bom no Humanitas, como o próprio nome diz, é o fato de ser um espaço de reflexão sobre questões éticas, humanas, antropológicas atuais, de ponta, que, por vezes, as disciplinas não têm espaço ou tempo hábil para fazer. Não dá para pensar o IHU de maneira isolada. Ele tem que vincular suas atividades aos programas de pós-graduação da universidade. Além disso, destaco sua importância no que tange à possibilidade de as pessoas poderem conhecer e experimentar a espiritualidade inaciana, que, em minha opinião, é 'a ideal'. Inácio, um sábio, soube articular, conjuntamente, ação e contemplação, ou seja, prática e conhecimento, e é disto que precisamos hoje. Não vivemos apenas de pão, mas de símbolos, de sonhos que passam por uma experiência, pois a chave da vida é ser capaz de ver o 'Todo na parte e a parte no Todo', ou, em linguagem inaciana, ver "Deus em todas as coisas e todas as coisas Nele". Isto é uma das belas coisas que o Humanitas possibilita e patrocina a todos que têm chance e ocasião de experimentar. Esse é o caminho.

um grupo de professores e alunos aqui da Unisinos. Aos sábados, quando não estou lecionando, jogo com colegas da Associação dos Funcionários da Unisinos - AFU.

Família - Sou casado, desde 2005, com a Cláudia, o amor da minha vida, também professora universitária e advogada. Temos uma filha, a Helena, de três anos, que é uma alegria, uma princesa em minha vida, que nem sempre me deixa dormir cedo como eu gostaria. Ela estuda no Sino-dal, porque faço questão que ela aprenda o alemão desde cedo e tenha uma ótima formação.

Política - Decepcionei-me muito com certas alianças do PT, por exemplo, com Sarney e seus comparsas e com toda essa máfia da política brasileira. Isso me deprime. Lastimo o descaso e pouco investimento na educação básica, fundamental. Por outro lado, se olharmos o andamento da política no Brasil, avalio bem. Econo-

micamente falando, estamos caminhando a passos largos e bons. Depois, olhamos o apoio que o governo tem dado à pesquisa, ou então a infraestrutura das estradas. Mas ainda temos muito a melhorar. Basta olhar a dificuldade de aprovar o projeto "Ficha Limpa". Isso é o fim, fico horrorizado como somos lentos para passarmos nosso país a limpo, e fico motivado para continuar investindo na educação que, em minha opinião, é um dos melhores caminhos para a transformação da nossa realidade rumo à real democracia. Nesse sentido, a Filosofia pode e deve ajudar.

Unisinos - Entramos agora em um ritmo e num nível de profissionalismo que é muito bom. As parcerias econômicas para sustentar nossa pesquisa e tê-la como foco de investimento são muito boas e muito importantes. Fico na Unisinos por essa razão. Aposto na Unisinos e nas pessoas que aqui estão porque temos um excelente ambiente de trabalho.

Erramos

* Na edição de número 326, publicada em 26-04-2010, na entrevista com Philippe Di Folco, lê-se que Roman Polanski teria "dormido com uma jovem filha de 13 anos, em 1977". A tradução correta é "moça", e não "filha". Também na mesma entrevista, com referência a Émile Zola, lê-se "ele, o escrivão...", quando o correto é "escritor".

Destaques

NOTÍCIAS DO DIA

10.05.2010 - Segunda-feira

'A Internet, sem anonimato, é uma prisão de segurança máxima'. Entrevista com Henrique Antoun

Europa terá pacote de "meio Brasil" para blindar o euro

A natureza da crise na Europa

A verdadeira lição da crise grega: deixemos que o neoliberalismo morra com o euro

Fracassa tentativa de conter mancha de óleo

MAIS NOTÍCIAS

Notícias do Dia do sítio do IHU

Com o advento das novas tecnologias e com o jornalismo online, disponibilizando o conteúdo de notícias de forma virtual, ficou mais fácil manter-se atualizado sobre os acontecimentos da contemporaneidade. Será? Mas quem pode se dar ao luxo de ler, todos os dias, os principais jornais do Brasil e do mundo? Pois o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU oferece esse serviço a seus leitores e leitoras. Todos os dias, de domingo a domingo, uma seleção de notícias sobre ecologia, política, economia, teo-

logia, sociedade, saúde e outros temas latentes é elaborada com cuidado e atenção e publicada em www.ihu.unisinos.br. Para receber o link das Notícias do Dia diretamente em seu correio eletrônico, basta cadastrar-se, clicando em <http://migre.me/DwTl>

Siga o IHU no Twitter

Uma das ferramentas da Internet mais badaladas nos últimos tempos, o **Twitter** é um microblog que os usuários atualizam com informações do cotidiano, respondendo à pergunta "o que está acontecendo?", além de publicar reflexões e opiniões sobre o que se passa no dia-a-dia. Quer saber as novidades do IHU? Acessar diretamente destaques de nossas entrevistas e artigos? Ficar sabendo em primeira mão quais serão os próximos eventos e publicações que o IHU lançará? Siga o IHU no Twitter. Nosso endereço é twitter.com/_ihu



Platão e os Guarani

No próximo dia 20 de maio, a Profa. Dra. **Beatriz Domingues**, da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, estará na Sala Ignacio Ellacuría e companheiros - IHU, falando sobre o tema *Platão e os Guarani: uma leitura da obra de Jose Peramas*. A palestra é um pré-evento em preparação ao XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade, que acontece na Unisinos, de 25 a 28 de outubro de 2010. Mais informações podem ser consultadas em <http://migre.me/Dxi3>



Apoio:

